

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
FACULDADE DE JORNALISMO**

**FELIPE FERRARI BERTOCHI  
GABRIEL ALEXANDRE ARANTES  
GABRIEL SORG CARNEIRO**

**Canto Invisível: torcedores com deficiência no futebol**

**CAMPINAS  
2022**

**Felipe Ferrari Bertochi**  
**Gabriel Alexandre Arantes**  
**Gabriel Sorg Carneiro**

**Canto Invisível: torcedores com deficiência no futebol**

**Projeto experimental de produção  
jornalística apresentado à disciplina  
ATIVIDADE DE ORIENTAÇÃO DE  
PROJETO EXPERIMENTAL -  
AUDIOVISUAL da Faculdade de  
Jornalismo da PUC-Campinas como  
exigência final para aprovação na referida  
disciplina, sob orientação da Profa.  
Amanda Artioli**

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

305.908  
C232

Bertochi, Felipe Ferrari

Canto invisível: torcedores com deficiência no futebol / Felipe Ferrari Bertochi, Gabriel Alexandre Arantes, Gabriel Sorg Carneiro. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

43 f.: il.

Orientador: Amanda Artioli.

TCC (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, Centro de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Pessoas com deficiência. 2. Deficientes - Orientação e mobilidade. 3. Futebol. I. Arantes, Gabriel Alexandre. II. Carneiro, Gabriel Sorg. III. Artioli, Amanda. IV. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Linguagem e Comunicação. Faculdade de Jornalismo. V. Título

CDD - 23. ed. 305.908

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>1.1. Contextualização do tema e recorte jornalístico</b>	<b>5</b>
<b>1.2. Modalidade</b>	<b>5</b>
<b>1.3. Justificativa</b>	<b>7</b>
<b>1.4. Processo de apuração</b>	<b>8</b>
<b>1.5. Seleção de fontes</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>2.1. Desenvolvimento da produção</b>	<b>13</b>
<b>2.2. Processo de edição</b>	<b>18</b>
<b>2.3. Projeto/proposta de divulgação</b>	<b>20</b>
<b>2.4. Custos e gastos</b>	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>22</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>23</b>

## Introdução

O projeto “Canto Invisível: torcedores com deficiência no futebol” retrata, através de um documentário (<https://youtu.be/66E7e8MYZXg>), a realidade de torcedores com deficiência que frequentam, ou tentam frequentar, os estádios de futebol a fim de acompanhar os times do coração. O documentário apresenta relatos de como as pessoas com deficiência fazem para ir até os estádios, os percalços que elas passam no caminho até a arena, os desafios enfrentados dentro dos estádios, seja com público em geral ou funcionários, desde os funcionários dos times até a Polícia Militar. Por fim, o documentário apresenta o esporte como um meio que transforma a vida da pessoa com deficiência, sendo uma ferramenta de superação nas vidas dessas pessoas. O recorte geográfico escolhido foi o estado de São Paulo, em especial as cidades de Campinas, Bragança Paulista e São Paulo.

Dada a baixa visibilidade de casos de pessoas com deficiência que frequentam estádios, destinamos o presente Projeto a todas as pessoas que querem, e devem, aprender mais sobre essa questão. O capacitismo está presente no cotidiano da maioria das pessoas com deficiência da sociedade, que sofrem com uma visão deturpada da população acerca de suas condições, sendo tratadas na maioria das vezes como “coitadinhos” ou pessoas inferiores.

O objetivo do trabalho é mostrar a realidade das pessoas com deficiência, bem como as dificuldades passadas por esse público em eventos esportivos. Ao encontro disso, salientar o papel que o futebol tem na vida dessas pessoas, como uma forma de superação da deficiência e uma outra forma de encarar a vida.

O tema foi inicialmente proposto por Gabriel Arantes e foi prontamente aceito pelos outros dois integrantes do grupo. O gênero documentário foi escolhido pois o grupo acredita que seja a melhor forma de transmitir os relatos de forma que sensibilize e conscientize o público acerca da questão da pessoa com deficiência. O meio de propagação escolhido foi o YouTube e o Instagram, sendo o Instagram uma ferramenta para trazer as prévias e os bastidores do trabalho.

Para compor o documentário, o grupo deu voz a Leonardo, Carlos e Sueli, três usuários de cadeira de rodas, Klauber, um deficiente visual e Renan, com nanismo diestrófico. Junto aos personagens, o trabalho também irá contar com depoimentos de pessoas que acompanham os personagens nas idas aos estádios.

Este relatório apresenta as etapas de desenvolvimento do Projeto Experimental, sendo elas: o processo de pré-apuração e apuração, definição do gênero, definição de fontes e especialistas, além dos processos de gravação, edição e divulgação.

## CAPÍTULO 1

### APRESENTAÇÃO DO TEMA E DA MODALIDADE

#### 1.1 Contextualização do tema e recorte jornalístico

O Projeto “Canto Invisível: torcedores com deficiência no futebol” (<https://youtu.be/66E7e8MYZXg>) é um produto jornalístico de gênero documentário, modalidade audiovisual. O documentário está centrado nas dificuldades e superações de pessoas com deficiência que vão aos estádios assistir as partidas de futebol dos times de coração. Segundo dados do IBGE<sup>1</sup>, o Brasil possui mais de 17 milhões de pessoas com deficiência, o que corresponde a 8,4% da população brasileira acima de dois anos de idade. Para essas pessoas, segundo consta na lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, no capítulo IX, é previsto direito à cultura, esporte, turismo e lazer.

O artigo 44 do Estatuto da Pessoa com Deficiência (lei Nº 13.146), determina que cinemas, teatros, auditórios, locais de espetáculos, estádios e ginásios deverão disponibilizar espaços livres e assentos para a pessoa com deficiência, em locais diversos, com boa visibilidade, em todos os setores e, acima de tudo, não devem ser segregados do público. Porém, de acordo com a pré-apuração feita pelo grupo, nem todo estádio de futebol obedece ao que é estabelecido pelo Estatuto, de forma que o recorte jornalístico desejado pelo grupo é de mostrar a realidade vivida por esse público e os desafios que eles enfrentam.

#### 1.2 Modalidade

Escolhemos a modalidade audiovisual com o gênero documentário. A escolha foi baseada na importância do audiovisual em relação ao tema da pessoa com deficiência. A visualização dos espaços, dos caminhos e dos estádios que são retratados no documentário é de suma importância para uma ambientação e visualização dos problemas passados pelas pessoas com deficiência. Um projeto apenas com áudio, por exemplo, não faria essa ambientação que o audiovisual proporciona.

Optamos pelo documentário de representação social, que de acordo com Nichols (2001), representa de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/8193#resultado>>. Acesso em 22 abr. 2022.

e compartilhamos, portanto, a escolha foi feita com o intuito de dar visibilidade à realidade social apresentada.

Definido isso, apresentamos o documentário de forma em que os pontos de vista dos personagens pudessem ser afirmados e argumentados através do mundo em que eles vivenciam, proporcionando assim uma visão que é muitas vezes camuflada pela sociedade, e mostrando um mundo comum para ser explorado e compreendido. Para Luiz Carlos Lucena, fazer documentário é uma forma de nos relacionarmos bem com o mundo, uma maneira de compreendê-lo e de entender nossa relação com ele:

Fazer documentários envolve tudo isso, mas também nos leva a criar considerações sobre alguma coisa que nos é muito próxima - ou que queremos descobrir -, obriga-nos de certa maneira a elaborar um discurso sobre determinado objeto, alguma pessoa, uma comunidade, o mundo. (LUCENA, 2012, p. 2).

Também ressalta-se que na execução do Projeto Experimental foram utilizadas as técnicas do jornalismo tradicional. As pré-entrevistas, o relacionamento com as fontes, as gravações, decupagens, roteirização e edição foram feitas seguindo os princípios do jornalismo de audiovisual, tudo girando em torno de uma preocupação para com a linguagem visual e textual.

Portanto, a modalidade em audiovisual com o formato em Documentário foi essencial para execução do trabalho, visto que o formato pode ser obtido de diferentes formas no seu registro *in loco*, resgatando elementos atuais e elementos com alguns materiais de apoio que os personagens fornecem. Podendo trabalhar com reconstruções - essencial para o nosso projeto - e com o discurso real. Sendo assim, buscar o encaixe autoral para falar sobre as histórias e encaixar o melhor viés para o Projeto Experimental.

Por fim, vale destacar que a escolha pela divulgação em meios eletrônicos (Instagram e YouTube) foi a que consideramos mais eficaz para atingir o máximo de grupos sociais, uma vez que, segundo a pesquisa divulgada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br)<sup>2</sup>, 74% da população brasileira acima dos dez anos possui acesso à rede de internet.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.cgi.br/noticia/releases/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

### 1.3 Justificativa

A primeira ideia do grupo durante a escolha da modalidade que seria aplicada o Projeto Experimental foi a de Websérie documental, separada por três episódios, com diferentes focos, onde apresentaríamos o primeiro episódio com o trajeto de fora dos estádios, o segundo dentro dos estádios, e o terceiro uma visão sobre como o esporte ajuda e influencia positivamente na vida daquelas pessoas.

Porém, com o decorrer das gravações e coleta dos materiais, e organização do projeto, percebemos que a linha do tempo desses três episódios poderiam ser sustentados de uma melhor maneira em somente um projeto contínuo.

Diante disso, o grupo escolheu fazer um Documentário, dentro da modalidade audiovisual, pois, com a continuidade dos temas e quantidade de relatos fazendo uma linha temporal dando sentido para um sequência, não se fez necessária uma divisão de episódios para sustentar o Projeto Experimental.

E assim, podemos justificar a escolha do grupo pela modalidade diante do objetivo de dar voz às pessoas que estão e querem estar presentes em qualquer ambiente (nesse caso o futebolístico), independente de suas condições físicas serem adversas, com relatos que despertem o emocional e que abram a cabeça do espectador sobre o tema.

A política do filme e do videodocumentário aborda as maneiras pelas quais o documentário ajuda a dar expressão tangível aos valores e crenças que constroem, ou contestam, formas específicas de pertença social, ou comunidade, num determinado tempo e lugar (NICHOLS, 2001, p. 180).

O audiovisual é necessário para representar esse tipo de tema, porém tomamos o cuidado de não entrar em laços românticos e poéticos com o Projeto Experimental, com o cuidado de não usar os relatos para querer sensibilizar e mostrar os pontos como questões de “vítimas”; tratamos com empatia o assunto, para não negar às PCDs envolvidas uma sensação de igualdade para com os outros.

Portanto, a temática de pessoas com deficiência nos estádios de futebol foi proposta pelo grupo pois acredita-se ser um debate de extrema relevância, que não é acentuado o suficiente durante os anos, somente sendo visto alguns casos que emocionam o público, aproximando essas pessoas da audiência, porém não colocando em primeiro lugar que aquelas pessoas estão sempre que possível

presentes nos estádios, ou em qualquer outro lugar que queiram estar, e que, por muitas vezes, são tratadas como invisíveis pelo próprio público presente, e principalmente, pelas instituições.

Além disso, vale ressaltar a escolha do estado de São Paulo como área limite para a produção, por conter muitos times de futebol, e, conseqüentemente, facilitar a busca de personagens ao nosso alcance para as gravações.

#### **1.4 Processo de apuração**

Assim que proposto o tema para o Projeto Experimental, o grupo começou a buscar, através de redes sociais (Instagram e Twitter) e portais noticiosos, fontes para fazer parte do Projeto, entre os meses de julho e setembro. Ao encontro disso, iniciou-se o processo de contato com as pessoas. Devido às redes sociais, a maioria dos contatos foi feito pelo chat no Instagram, o que facilitou o acesso às fontes.

Com os contatos das fontes, o grupo iniciou o processo de pré-apuração com as fontes para entender melhor a história de cada uma. Esse processo foi feito através de entrevistas online, usando plataformas como Zoom, Google Meet e StreamYard. As únicas fontes as quais não foram marcadas pré-entrevistas foram as especialistas, visto que, todas elas, estavam com agendas cheias e pouca disponibilidade de horário para atender o grupo. O grupo não descartou nenhuma fonte durante o processo de apuração do Projeto, pois cada personagem tinha uma história de vida diferentes e que cabia ser contada pelo grupo no Projeto. As fontes aceitaram participar do trabalho e contar as histórias no documentário do grupo.

A intenção inicial era acompanhar as pessoas em dias de jogos para mostrar a realidades que elas vivem. Apenas uma pessoa aceitou, Leonardo, torcedor do Bragantino. Pelo fato, as entrevistas acabaram sendo marcadas nos meses de setembro e outubro, pela demora na “negociação” com as fontes do acompanhamento até o estádio. A dificuldade se deu, pois, a maioria das pessoas não se sentiam confortáveis tendo suas realidades expostas, já que passam por muitas dificuldades até chegar nos estádios. Além disso, o grupo precisou conversar bastante com as fontes até chegarem num acordo pela entrevista, pelo mesmo motivo do desconforto em expor uma realidade que é, majoritariamente, grande e ignorada por boa parte da população.

Além das fontes personagens, o grupo também buscou fontes especialistas para dar embasamento teórico e legal para o trabalho. A primeira fonte, e fonte de inspiração para o projeto, foi a secretária da pessoa com deficiência da cidade de São Paulo, Silvia Grecco. Silvia é mãe de Nickollas Grecco, torcedor palmeirense que é deficiente visual e autista<sup>3</sup>. A priori, o grupo tinha intenção de entrevistar Nickollas, porém, devido à grande repercussão do caso do garoto, o grupo optou por não falar da conhecida história dele e focar apenas na mãe, Silvia, que acompanha Nickollas e fala com propriedade da questão da deficiência. Além disso, a intenção do grupo sempre foi dar voz às pessoas com deficiência que continuam na invisibilidade nos estádios e a história do Nickollas é conhecida nacionalmente e internacionalmente. Em contato com a assessoria da Secretária, a qual sempre se dispôs a contribuir e responder os e-mails, foi marcada uma entrevista presencial para o dia 20 de setembro, em São Paulo.

Também foram marcadas entrevistas com Rita Kather, psicóloga e professora da PUC-Campinas e o advogado Cássio Ávila. A psicóloga Rita foi uma sugestão de um aluno do curso de Psicologia da PUC-Campinas, devido a experiência da profissional em psicologia de pessoas com deficiência. O advogado Cássio foi indicação de uma produtora da EPTV Campinas, a qual o grupo tem contato.

Além da busca pelas fontes, o grupo baseia o Projeto na Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). O principal capítulo consultado foi o capítulo IX, do Direito à Cultura, ao Esporte, ao Turismo e ao Lazer, Artigos 42, 43 e 44.

O grupo também consultou publicações antigas de jornalismo que envolviam acessibilidade para basear o trabalho, como por exemplo um ranking publicado pelo Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios, o Sisbrace. O ranking é usado no Projeto para classificar os estádios do estado de São Paulo, em especial os estádios que os personagens visitam.

## 1.5 Seleção de fontes

### Personagens

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/voce-vai-se-emocionar-conheca-a-historia-do-menino-deficiente-visual-para-quem-a-mae-narra-os-jogos-do-palmeiras.ghtml?\\_ga=2.73790224.329650532.1669479816-ad03db7d-cd31-feae-5f1b-d7c29110f490](https://globoesporte.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/voce-vai-se-emocionar-conheca-a-historia-do-menino-deficiente-visual-para-quem-a-mae-narra-os-jogos-do-palmeiras.ghtml?_ga=2.73790224.329650532.1669479816-ad03db7d-cd31-feae-5f1b-d7c29110f490)>. Acesso em: 23 abr. 2022.

Leonardo Marcel: Léo é usuário de cadeira de rodas e viralizou nas redes sociais após a família postar uma foto das situações no estádio Nabi Abi Chedid. No caso, o nível do campo de visão de Leonardo era inferior a altura da parede, então ele não conseguia ver o jogo. Ele foi escolhido para falar sobre a situação, mas também para demonstrar as dificuldades no caminho e na entrada do estádio.

Sueli Gramari: Sueli tem sequelas de poliomielite após adquirir a doença quando criança. Torcedora fanática da Ponte Preta, Sueli não consegue ir até o estádio pela situação em que se encontra. Segundo ela, o estádio não é acessível, nem o caminho até o estádio Moisés Lucarelli. Ela foi escolhida por ser uma pessoa que não consegue ir até o estádio e precisa ficar acompanhando os jogos de sua própria casa.

Klauber Nardelli: Mais novo, Klauber contraiu um tumor no cérebro que afetou sua visão. Hoje ele tem cerca de 20% da visão. Corinthiano fanático e membro da torcida organizada, Klauber vai a todos os jogos do Corinthians na Neo Química Arena, casa do clube alvinegro. Pela sua deficiência, ele é acompanhado por Hanna, uma cão-guia, que o acompanha diariamente em sua rotina. Ele foi escolhido para mostrar os desafios vividos no caminho até o estádio e para mostrar como o esporte o ajuda a enfrentar a sequela da doença e superar as adversidades.

Cláudio Bazoli: Cláudio é morador do Rio de Janeiro e usuário de cadeira de rodas. Acompanhado de sua esposa, Karla, vai a diversos estádios no Brasil. Atualmente, ele já visitou 145 estádios e está em busca de visitar todas as 14 sedes da Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil. Inclusive com viagens internacionais no currículo, Cláudio e Karla criaram uma página no Instagram: Caçadores de Estádios. Com isso, a cada estádio visitado, eles postam uma foto na página e contam sobre o local. Eles foram escolhidos por serem bastante capacitados e preparados para falar sobre questões como acessibilidade, capacitismo e preconceito, já que, com a experiência nos estádios, já passaram por diversas situações no Brasil e no mundo, tais como estádios sem acessibilidade, pessoas desrespeitosas, entre outros.

Rafael Silva: Rafael é auxiliar de expedição e tem espectro autista. Ele faz parte do movimento “Autistas Alvinegros”, grupo esse que é exclusivamente de torcedores corintianos com espectro autista. Ele vai a maioria dos jogos do time paulistano e diz que o esporte o ajuda em vários aspectos. Por não ter mobilidade reduzida, ele não enfrenta tantos problemas ao chegar no estádio, porém usou o Corinthians para livrar-se de uma depressão.

Juliana Prado: Juliana também faz parte do movimento Autistas Alvinegros e tem traços parecidos com o de Rafael. Também usa do Corinthians como uma ferramenta de “fuga” dos problemas.

Renan Barreiros: Renan tem nanismo diastrófico, condição que leva a má formação das articulações. Renan é morador de Mogi das Cruzes, mas vai ao Allianz Parque sempre que consegue. Por ser usuário de cadeira de rodas, enfrenta problemas no caminho ao estádio e já enfrentou problemas com a organização e policiamento nos jogos.

### **Especialistas**

Silvia Grecco: Sílvia Grecco é Secretária da Pessoa com Deficiência da Cidade de São Paulo. A história de Sílvia ficou conhecida após ela, junto de seu filho Nickollas, ser flagrada em uma transmissão do jogo entre Palmeiras x Corinthians narrando o jogo para seu filho, que é deficiente visual. Segundo ela, uma situação corriqueira despertou o interesse de milhares de pessoas. A partir dessa notoriedade, Silvia ganhou o “FIFA Fan Award”, no ano de 2019, como reconhecimento pelo trabalho com Nickollas. Ela foi chamada pelo então prefeito Bruno Covas a assumir essa pasta na cidade de São Paulo. Silvia foi escolhida pelo grande conhecimento acerca da pessoa com deficiência, podendo falar sobre leis e projetos, além do lado humano, por sentir na pele como é estar junto de uma pessoa com deficiência num meio esportivo, como um estádio.

Rita Khater: Rita é psicóloga formada pela PUC-Campinas, tendo sua formação em psicologia em Psicologia Escolar e Social, atuando principalmente nos seguintes temas: inclusão social, afetividade e formação de professores. Achamos Rita através de um colega do curso de psicologia, que a indicou afirmando que ela poderia falar com propriedade sobre o assunto. Fizemos uma pré-entrevista com Rita, por telefone, e confirmamos que ela poderia falar bem sobre o assunto (como o esporte ajuda as pessoas com deficiência)

Cássio Ávila Ribeiro Júnior: Cássio é advogado formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, em Campinas. É mestrando em Filosofia e Teoria Geral do Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Conseguimos o contato dele através de uma produtora da EPTV Campinas, a qual disse que ele sempre se mostrou disposto a falar sobre todos os assuntos do direito. Conversamos

com ele e ele se mostrou super interessado em participar, além de ter a desenvoltura e tranquilidade de participar de uma entrevista.

## CAPÍTULO 2

### DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

#### 2.1 Desenvolvimento da produção

O desenvolvimento da produção começou durante as férias da faculdade. O grupo se reuniu com a orientadora, professora Amanda Artioli, no dia 18 de julho, de forma remota, para dar os primeiros passos da produção. Na ocasião, o grupo expôs a ideia inicial, de trazer uma websérie documental de três episódios de 10 minutos, aproximadamente. O primeiro episódio seria uma introdução, com o tema deficiência e capacitismo, o segundo falando sobre um torcedor do Guarani e o terceiro episódio sobre a torcedora da Ponte Preta, Sueli Gramari. Foi sugerido pela orientadora uma mudança nos episódios. Ao invés de dividir os episódios por times, dividi-los por temas, já que os torcedores poderiam trazer relatos semelhantes um ao outro e não sustentando um episódio inteiro de aproximadamente 10 minutos.

Sendo assim, o grupo começou a procurar novas fontes através de redes sociais, como Instagram, e através da mídia, em notícias e reportagens veiculadas sobre o tema.

Desde o primeiro semestre, tínhamos acertado a entrevista com Sueli Gramari e seu irmão, Fernando. Sueli é portadora de paralisia infantil e hoje é usuária de cadeira de rodas. Junto de Sueli, o grupo achou um perfil no Instagram chamado “Caçadores de Estádios”. A página é propriedade de Cláudio e Karla Bazoli. Karla é jornalista de formação, enquanto Cláudio é advogado e usuário de cadeira de rodas. Juntos, eles visitam estádios Brasil afora para “coleccioná-los” e falar sobre a acessibilidade desses estádios.

O grupo teve a ideia de que o casal seria uma fonte de grande valia para o trabalho, visto o embasamento e propriedade de fala deles perante a questão da acessibilidade, portanto foi marcada uma pré-entrevista com o casal, que mora no Rio de Janeiro.

A entrevista, feita de maneira remota e com duração de aproximadamente quarenta minutos, clareou a ideia do grupo perante o tema. O principal avanço da pré-entrevista foi a ideia de um episódio: “o esporte que salva”. Dentre as diversas histórias que os dois compartilharam, uma chamou a atenção. Que o esporte distraía Cláudio, que antes dele descobrir essa paixão de visitar estádios, ele era uma pessoa que se considerava triste. Porém, com o incentivo da esposa, eles começaram a viajar

cada vez mais. Em conversa posterior com a orientadora do projeto, decidimos explorar esse assunto com os entrevistados posteriores.

A entrevista com Cláudio e Karla foi realizada no dia 11 de setembro, presencialmente no Rio de Janeiro. Um membro do grupo (Felipe) estava com viagem marcada até a cidade e aproveitou para fazer a entrevista com o casal. O principal desafio foi o local. A casa do casal estava com visitas, pois era fim de semana de Rock In Rio, e o apartamento em que Felipe estava hospedado não dispunha de acessibilidade para Cláudio conseguir entrar. Conversando com o casal, eles sugeriram um local próximo ao forte de Copacabana, o qual tem acessibilidade e ao mesmo tempo silencioso para gravar. Como era no Rio de Janeiro, a entrevista foi feita e gravada por uma só pessoa, o que se tornou uma dificuldade, principalmente com a falta de um tripé para estabilizar a imagem de Cláudio e Karla. Mesmo com as dificuldades, conseguimos ótimos relatos do casal para compor o TCC.

Ao passo que o grupo ia prosseguindo com a busca de fontes personagens, entramos em contato com Sílvia Grecco, secretária da pessoa com deficiência de São Paulo. Sílvia é mãe de Nickollas Grecco, garoto deficiente visual que ficou mundialmente conhecido após Sílvia narrar o jogo para ele, dentro do Allianz Parque, na vitória do Palmeiras por 1 a 0 contra o Corinthians. A cena foi registrada pelas câmeras da TV Globo. Após isso, Sílvia e Nickollas tornaram-se conhecidos no meio do futebol.

Desde agosto estivemos em contato com a assessoria de Sílvia para marcarmos uma entrevista com ela. Por causa da agenda cheia da secretária, não conseguimos marcar uma pré-entrevista online com ela, sendo necessário agendar apenas uma data com ela, no dia 20 de setembro, no gabinete dela em São Paulo. Os três membros do grupo foram até São Paulo, junto com o cinegrafista Júnior Fiuza, do LabIS, da PUC-Campinas. O grupo teve uma hora com Sílvia, sendo possível conversar um pouco com a secretária antes de dar prosseguimento à entrevista, a qual transcorreu de forma normal e rendeu boas sonoridades para o projeto.

Logo após voltarmos de São Paulo, o grupo realizou uma pré-entrevista com Sueli Gramari, torcedora da Ponte Preta. Sueli não consegue ir ao Moisés Lucarelli devido à falta de acessibilidade no local. A reclamação de Sueli fez o grupo pensar em outro episódio, o caminho até o estádio. Conseqüentemente, o grupo se perguntou: e dentro dos estádios? Como é? Amadurecemos essa ideia e os três

episódios surgiram: O caminho até os estádio e seus desafios; dentro do estádio e seus desafios e o esporte que salva.

Com a busca nas redes sociais, nos deparamos com o caso do Leonardo Marcel, usuário de cadeira de rodas que sofreu com a falta de acessibilidade no estádio Nabi Abi Chedid e foi amplamente divulgado nas redes sociais.<sup>4</sup>

O caso dele nos chamou muita atenção pelo fato dele não ter conseguido assistir ao jogo e ter virado de costas, em forma de protesto. Como a foto foi publicada no Twitter, entramos em contato com a sobrinha de Leonardo por essa rede social. Por ser uma rede não convencional para chats, decidimos entrar em contato com uma colega em comum do grupo que trabalha na empresa Red Bull. Como o RB Bragantino tomou ciência do caso de Leonardo, eles tinham o contato de sua irmã, Marianina. Entramos em contato com ela, apresentamos o projeto e conseguimos marcar uma entrevista para um dia de jogo do Bragantino, contra o Santos, no dia 17/10. Na ocasião, fomos até Bragança Paulista, entrevistamos Léo e Nina antes do jogo e, após isso, o acompanhamos desde a saída de sua casa até o estádio. O que muito nos chamou a atenção foi a falta de acessibilidade no estádio Nabi Abi Chedid, que foi mostrado no documentário. O grupo gravou tudo com o celular, desde a entrevista na casa de Leonardo até todas as imagens gravadas no estádio.

No mesmo dia em que gravamos com Leonardo. o grupo conseguiu o contato de Klauber Nardelli, um torcedor do Corinthians, deficiente visual, que vai aos jogos da equipe acompanhado de sua cachorrinha, Hanna. Entramos em contato com ele para fazermos uma entrevista.

O processo de conversação com as fontes foi complicado, não só no caso de Klauber. Porém, praticamente todas as fontes se sentiam um pouco desconfortáveis em mostrar a rotina para nós, motivo pelo qual Sueli não quis que acompanhássemos ela em um dia de jogo da Ponte Preta. Com o Léo foi a mesma coisa, porém, depois de conversarmos com ele e a família, conseguimos as imagens. Com Klauber não foi diferente. Conversamos muito com ele, “quebramos o gelo”, explicamos o projeto nos mínimos detalhes, até ele aceitar. Porém, a principal dificuldade enfrentada pelo grupo foram as semanas de conversa com as fontes, o que atrasou a produção do documentário. Fomos até São Paulo gravar a entrevista com Klauber apenas no dia 23 de setembro. Lá, fomos até a casa dele e fizemos a entrevista. O que gerou

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2022/05/09/bragantino-barra-cadeirante-que-assiste-a-jogo-abaixo-do-nivel-do-campo.htm>>. Acesso em: 18 set. 2022.

incômodo no grupo foi com a mãe de Klauber. Antes da entrevista, perguntamos se ela gostaria de participar, afirmando que sim. Porém, na hora da entrevista, ela pouco participou. O grupo tentou ajustar Klauber para ele ser o único a aparecer no enquadramento, já que também gravamos com o celular, porém, sem sucesso devido ao espaço pequeno da sala de Klauber.

Além do processo de conversa com as fontes, que gerou um atraso na produção, o fator LabIS também gerou incômodo no grupo.

Apenas uma entrevista foi feita com um cinegrafista da equipe (como já mencionado, com Silvia Grecco). Todas as outras foram feitas pelo grupo com o celular. A dificuldade em marcar as entrevistas com as fontes resultou em outra dificuldade: a de cinegrafistas disponíveis para as marcações do grupo. Por esse motivo, tivemos que gravar praticamente tudo com o celular e, infelizmente, com pouco conhecimento de enquadramentos, questões de imagem, áudio etc. O grupo é de uma turma que teve dois anos de ensino remoto devido à pandemia e, mesmo com o esforço louvável da universidade em não prejudicar o ensino, acabamos sendo prejudicados. Tivemos contato com audiovisual apenas no segundo semestre do curso, em 2019, em uma disciplina introdutório das noções de audiovisual. Tivemos telejornalismo de forma remota e fizemos nosso telejornal da forma que conseguimos. Portanto, esse fator foi muito prejudicial para o grupo e nos prejudicou em questões técnicas de enquadramento e áudio.

Além desses fatores citados, a falta de comunicação do LabIS com os alunos também foi fator prejudicial no desenvolvimento do produto. Em determinado momento do semestre, as marcações com os cinegrafistas tinham de ser marcadas com 10 dias de antecedência via e-mail. Porém, isso não nos foi avisado em momento algum, seja através de comunicado, e-mail, diretoria do curso. Apenas ficamos sabendo quando fomos tentar marcar uma entrevista presencialmente e tivemos essa surpresa. Após isso, decidimos prosseguir com as nossas próprias gravações com nossos celulares.

Mesmo assim, o grupo conseguiu boas imagens de Klauber, principalmente pelo fato de termos ido com ele até a Neo Química Arena, estádio do Corinthians. Tivemos o acesso liberado na arena e gravamos imagens de apoio com o Klauber lá dentro e tivemos acesso a um camarote do estádio, com isso, refizemos a última parte da entrevista com ele dentro do estádio.

Conforme as entrevistas foram sendo feitas, nos questionamos a respeito do formato do trabalho. Estávamos confortáveis com a web-série, porém um fator nos incomodava. O relato de todos eles, para nós, estavam bons e cabiam em todos os episódios, pois todos tinham dificuldades no caminho, dentro dos estádios e tinham uma relação de paixão com o esporte. Sabíamos que não era o ideal repetir personagens em episódios diferentes e não quisemos “ignorar” as histórias e dificuldades dos personagens, dessa forma, decidimos mudar o projeto para um documentário, assim conseguiríamos colocar os relatos desejados das fontes sem nos ater aos episódios e seus temas.

Com isso, após mudar o projeto, fizemos as entrevistas com Rafael Silva e Juliana Prado, dos Autistas Alvinegros e com Renan Barreiros, torcedor do Palmeiras com nanismo diastrófico. A entrevista com Rafa e Juliana foi feita de forma remota pois ambos não aceitaram uma conversa presencial. Entendemos as condições, já que nos explicaram que não se sentiam muito à vontade com “desconhecidos” por perto devido ao espectro autista. Mesmo com a entrevista remota, tivemos que ser insistentes nas perguntas, explorando ao máximo os temas e assuntos, mas sem sermos invasivos com Rafael e Juliana.

Outra entrevista realizada remotamente foi com Renan Barreiros. Inicialmente, a entrevista estava marcada para ser em São Paulo, num domingo, em frente ao Allianz Parque. No entanto, tivemos um imprevisto (devido a um problema pessoal) com a pessoa que ia nos levar até São Paulo. Por ser de Mogi das Cruzes, Renan não tinha previsão de volta para a capital, então decidimos fazer a entrevista de forma remota. Na entrevista, em alguns pontos, o enquadramento dele não é ideal, já que a cabeça dele fica cortada em alguns pontos. Porém, para ele, aquela posição era mais confortável e fácil de conversar conosco, então demos prioridade aos relatos de Renan.

As últimas entrevistas feitas pelo grupo foram com os especialistas: Rita Khater, psicóloga, e Cássio Ávila, advogado. Como dito no item 1.5, julgamos ambos como sendo boas fontes e que se dispuseram a ajudar desde o princípio. Ambas as entrevistas foram realizadas presencialmente, no escritório do doutor Cássio e na escola a qual Rita é diretora.

## 2.2 Processo de edição

Em conjunto, o grupo elaborou o roteiro de edição do projeto "Canto Invisível" por chamada remota. Foi decidida a ordem de apresentação das fontes e a ordem das sonoras de acordo com a narrativa que o grupo almejava construir. Decidimos pelo uso mínimo do recurso de *voice overs*, por isso a principal preocupação enfrentada foi conectar as falas dos personagens de forma que a linha narrativa do documentário fosse possível de ser compreendida.

Porém, pelo fato de todas as entrevistas terem seguido a mesma lógica do documentário -caminho até o estádio, dentro do estádio e esporte que salva- esse processo foi facilitado, pois os relatos já estavam na ordem desejada pelo grupo. Dessa forma, cada integrante ficou responsável por uma quantia de personagens para fazer a decupagem das entrevistas. Feito esse processo, o roteiro foi montado em cerca de duas tardes e, em seguida, aprovado pela orientadora do projeto.

A edição do documentário foi feita pelo editor Jeferson Manhani, do LabIS (Laboratório de Imagem e Som) da PUC-Campinas. A edição começou a ser feita no dia 07/11, segunda-feira. Porém, nesse dia, o grupo não conseguiu editar porque a máquina não estava funcionando, de forma que a edição começou apenas no dia subsequente, terça-feira.

Inicialmente, o editor cortou todas as falas e depoimentos, como já apontado no roteiro de edição, e as colocou na ordem estabelecida pelo grupo. A partir do momento que o documentário estava esqueletado, o grupo começou a pensar nas imagens para cobrir o projeto e nas artes para incluir no documentário. Uma arte que o grupo já tinha como certa era um ranking de estádios, proposto pelo professor Aduino Molck, na banca de qualificação no mês de agosto. Para tal, usamos o ranking do Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios (Sisbrace) para compor a arte. Na outra arte, o grupo optou por colocar no documentário o documento que baseou e norteou o trabalho, o Estatuto da Pessoa Com Deficiência. Ambas as artes contaram com a narração de Gabriel Arantes.

Com isso definido, o grupo teve a ideia de como apresentar os personagens. O grupo optou pelos personagens mandarem, através de mensagens de áudio no WhatsApp, algumas informações básicas para apresentação. São elas: Nome, idade e deficiência. Com os áudios prontos, o editor Jeferson, através do Adobe After

Effects, criou as artes de apresentação e no Adobe Premiere colocou as imagens e áudios na ordem desejada, no começo do documentário.

Ao passo disso, a vinheta inicial também foi projetada. O grupo apresentou a ideia para o editor, que a colocou em prática. Foi pensado um ambiente de estádio de futebol que se transformasse em uma bandeira com o logo e nome do projeto. O editor Jeferson compreendeu a ideia e a colocou em prática, resultando em uma vinheta satisfatória para o grupo. Com isso, a identidade visual do projeto ficou predominantemente verde e branco.

Para finalizar o processo de criação das artes, desenvolvemos os GCs das fontes entrevistadas. Ao lado do nome e profissão de cada fonte, colocamos um pequeno ícone que representa a deficiência de cada pessoa.

Depois das artes e vinheta estarem prontas, o grupo começou a pensar em como cobrir o documentário com as imagens de apoio gravadas no processo de gravação do documentário. A fonte que dispunha de mais imagens de apoio, tanto fora como dentro do estádio, era Leonardo Marcel, a única fonte a aceitar ser acompanhada. Optamos por mostrar a rotina completa da fonte, desde a saída de casa até sentar-se na cadeira do estádio. Para narrar o caminho, pedimos para a irmã de Leonardo, Nina, gravar um áudio via WhatsApp para acompanhar as imagens. Solicitamos que ela gravasse o áudio em ordem cronológica para encaixarmos com os vídeos. Outra fonte que também acompanhamos ao estádio foi Klauber, portanto também usamos imagens dele nos arredores da Neo Química Arena para ilustrar algumas falas dele.

A última entrevista feita pelo grupo foi com o advogado Cássio Ávila, sendo que o grupo já tinha começado o processo de edição do documentário. Com isso, no mesmo dia em que foi feita a entrevista, selecionamos os trechos da entrevista com o advogado e inserimos no documentário. Como foi uma conversa produtiva com o advogado, conseguimos colocar três trechos de falas dele.

Com o documentário esqueletado, com todas as falas em ordem e coberto por imagens, o grupo escolheu as trilhas sonoras para sonorizar o projeto e pensamos em qual lugar do documentário colocar as artes (ranking do estádio e tela com a lei). Para a tela com as leis, optamos por colocar na transição entre o primeiro e o segundo tema do documentário. Já no ranking, colocamos na transição entre o segundo e terceiro temas do projeto.

O grupo escolheu as trilhas de acordo com os momentos do documentário. No começo, escolhemos uma trilha um pouco animada para introduzir os personagens. Na parte em que mostramos a dificuldade enfrentada pelo Léo no estádio, escolhemos uma trilha mais sombria, já que a fala de Nina era impactante. No final, escolhemos uma trilha mais animada, já que os personagens estavam falando bastante sobre superação e o esporte que salva.

**Figura 1: Logotipo do projeto**



### **2.3 Projeto/proposta de divulgação**

Segundo dados de uma pesquisa<sup>5</sup>, as redes sociais mais usadas no Brasil em 2022 são o WhatsApp, YouTube e Instagram, respectivamente. O grupo escolheu publicar o documentário no YouTube, em canal próprio do projeto Canto Invisível. Incluímos na descrição do vídeo uma ficha técnica do documentário. Além disso, a estratégia de divulgação foi criar uma página para o projeto no Instagram. Até a última atualização, a página contava com 85 seguidores na rede social.

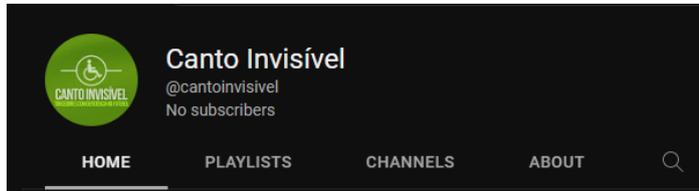
A escolha das redes sociais foi baseada no número de acessos que, de acordo com a pesquisa acima, ultrapassou o marco de 138 milhões de pessoas para o YouTube e 122 milhões para o Instagram.

No Instagram, é possível acessar a página inserindo o @canto.invisivel e no YouTube como “Canto Invisível”.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>  
Acesso em: 26 nov. 2022.

**Figura 2: Perfil no YouTube**



**Figura 3: Perfil no Instagram**



## 2.4 Custos e Gastos

No total, o grupo desembolsou cerca de R\$ 1.001,00 para o desenvolvimento do projeto. Foram três viagens, sendo duas para São Paulo e outra para Bragança Paulista, além da locomoção dentro de Campinas, feita na maioria das vezes por transporte por aplicativo. Dessa forma, nas viagens para São Paulo e Bragança foram gastos cerca de R\$ 667,00 e, dentro de Campinas, cerca de R\$ 175,00.

Além dos gastos com transporte, adquirimos um tripé no valor de R\$ 130,00, que nos auxiliou na gravação dos vídeos com as fontes.

## **Referências bibliográficas**

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

LUCENA, L. C. **Como fazer documentários: conceito, linguagens e prática de produção**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

## ANEXOS

### 1. Roteiro final de edição

Data: 07/11	Nº fita bruta:	Camera:	Editor de texto:	Retranca: Canto Invisível			
Produtor(a) / Pauteiro (a): Repórter: Felipe Bertochi, Gabriel Arantes e Gabriel Carneiro							
Ano:	2022	Turma:	50	Período:	8º	Professor (a):	Amanda Artioli

Take	Seleção	Descrição	Off, Passagem, Sonora
VINHETA INTRODUÇÃO	00:00-01:09	<b>OFF + APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS</b>	<b>OFF + APRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS</b>
VINHETA	01:10-00:00	<b>ABRE SOBE SOM</b>	<b>ABRE SOBE SOM</b>
SONORA SUELI	06:28-06:44	<b>SONORA SUELI</b>	NÃO É SO NO CAMPO DA PONTE PRETA, POR EXEMPLO, VOCÊ ESTÁ AFIM DE ASSISTIR UM JOGO DE VÔLEI QUE TEVE O JOGO QUARTA-FEIRA, JÁ NÃO DÁ PRA MIM IR. TEM ESCADARIA, VOCÊ NÃO CONSEGUE SUBIR ESCADA PARA VER O JOGO, NÃO TEM ACESSIBILIDADE NENHUMA, NÃO PENSAM EM CAMPO, EM ESTÁDIO, NADA.
SONORA CLÁUDIO	09:34-09:51	<b>SONORA CLÁUDIO</b>	MUITAS VEZES NOS JOGOS DE FUTEBOL AQUELA BARREIRA POLICIAL QUE TEM TIPO UM LIMITE QUE TEM TORCEDOR QUE PODE CHEGAR COM CARRO. TEMOS QUE DESCER ANTES, BEM LONGE DO ESTÁDIO, PASSAR POR DEGRAUS, BURACOS, ATÉ CHEGAR NO ESTÁDIO.
SONORA RAFA	07:26-07:37	<b>SONORA RAFA</b>	NO CASO DO ESTÁDIO EM SI, O INÍCIO ASSIM O QUE GERA EM MIM É MAIS A PARTE DA ANSIEDADE, ANSIEDADE DE VOCÊ CHEGAR, DE QUE TUDO ACONTEÇA, DE QUE TUDO DÊ CERTO.

<p><b>SONORA JULIANA</b></p>	<p>13:12-13:45</p>	<p><b>SONORA JULIANA</b></p>	<p>EU SOU UM POUCO, OS TRAÇOS BASICAMENTE IGUAIS AOS DO RAFA, ANTES DO JOGO ASSIM O TRAJETO EU VOU MUITO ANSIOSA, MUITO INQUIETA, QUANDO EU CHEGO LÁ, ASSIM DE PRIMEIRO MOMENTO EU FICO MEIO, DIGAMOS QUE AÉREA, OLHANDO PARA TODOS OS LADOS, PARA QUE NÃO TENHA PERIGO DE NADA ACONTECER, POSSA SAIR DO CONTROLE, FICO MEIO RECEOSA AINDA.</p>
<p><b>SONORA LEO - NINA</b></p>	<p>00:00-00:30</p>	<p><b>SONORA NINA</b></p>	<p>A PREFEITURA ELA EXIGE QUE TODOS OS ESTABELECIMENTOS NOVOS QUE VÃO FAZER QUALQUER COISA, TENHAM ACESSO PARA CADEIRANTE, PARA DEFICIÊNTE, TEM QUE TER RAMPA, BANHEIRO ACESSIVEL E DAÍ UM ESTÁDIO QUE LEVA O NOME DE BRAGANÇA PARA TODO LUGAR QUE PASSOU ATÉ POR REFORMAS, UM TIME, O RED BULL, QUE TEM UM NOME MUNDIAL NÉ? ELES PECAM NISSO, NÃO DÃO ASSISTÊNCIA PARA PESSOAS QUE SÃO O PÚBLICO DELES TAMBÉM, ISSO É MUITO TRISTE</p>
<p><b>SONORA RENAN</b></p>	<p>42:20-42:44</p>	<p><b>SONORA RENAN</b></p>	<p>PRA CHEGAR EU TENHO OS PROBLEMAS MAIS, OS PROBLEMAS QUE EU TENHO NO DIA A DIA TAMBÉM. QUE A CALÇADA TEM BURACO, AS VEZES VOU ATRAVESSAR A RUA NÃO TEM UMA GUIA REBAIXADA, VAI PEGAR O ONIBUS O ELEVADOR NÃO FUNCIONA NÉ? O ELEVADOR PARA SUBIR O CADEIRANTE</p>
<p><b>SONORA KLAUBER</b></p>	<p>03:17-03:30</p>	<p><b>SONORA KLAUBER</b></p>	<p>AS RUAS NÃO SÃO 100%, NÃO SÃO PERFEITAS, SEI LÁ, COMO OS ESTÁDIOS DE PRIMEIRO MUNDO. MAS A GENTE TEM QUE VIVER A REALIDADE QUE A GENTE TEM, ENTÃO SE É ASSIM A GENTE VAI SE ADAPTANDO NÉ? NO CASO, A CACHORRA ELA DESVIA OBSTÁCULO E VAI CONDUZINDO</p>
<p><b>SONORA CÁSSIO</b></p>	<p>18:30-19:11</p>	<p><b>SONORA CÁSSIO</b></p>	<p>TODAS AS LEIS ELAS PERMITEM VÁRIAS INTERPRETAÇÕES E PORTANTO EM GERAL OU PELO MENOS EXISTE UMA GRANDE, DÁ PARA SE VISUALIZAR QUE A REGRA NA MAIOR PARTE DOS CASOS ELES VÃO TENDER A GASTAR O MÍNIMO POSSÍVEL E DENTRO DESSA TENTATIVA DE GASTAR</p>

			<p>O MÍNIMO POSSÍVEL, É PEGAR UM DESSES ARTIGOS AQUI DO CÓDIGO E FALAR OLHA, AQUI TA FALANDO QUE EU PRECISO TER UMA RAMPA, ENTÃO EU VOU FAZER UMA RAMPA DE TERRA SEM ABSOLUTAMENTE NADA, SEM CORRIMÃO, POR QUE FALOU RAMPA, EU VOU FAZER RAMPA</p>
TRANSIÇÃO	00:00-00:00	TRANSIÇÃO + OFF ARANTES	TRANSIÇÃO + OFF ARANTES
SONORA KLAUBER	03:10-04:24	SONORA KLAUBER + VÍDEO 1	<p>HOJE EM DIA EM SÃO PAULO AINDA TEM UM POUCO DE ACESSIBILIDADE, MAS NEM TANTO. A RUA NÃO É PERFEITA. DIFERENTE DOS ESTÁDIOS DE PRIMEIRO MUNDO, ENTÃO SE É ASSIM, A GENTE VAI SE ADAPTANDO, A CACHORRA DESVIA E VAI CONDUZINDO. MAS ONIBUS, EU PARO NA FAIXA E ELA LOGO TEM ESSA PERCEPÇÃO E A GENTE VAI VIVENDO COM ESSAS DIFICULDADES. AS RUAS AO REDOR NÃO SÃO ACESSÍVEIS, MUITOS BURACOS. É DIFERENTE DE INTERIOR. EM ESTÁDIOS NO INTERIOR É COMPLICADO. HOJE VC SAI O METRO TEM PISO TATO, TEM AQUELES BEM SINALIZANDO A QUESTÃO DE USO DE CAES GUIA, ENTÃO ISSO PQ SP É CIDADE GRANDE, MAS IMAGINA NO INTERIOR COMO QUENÉ. EU GOSTO DE IR NA ARENA PQ MORO DO LADO DE CASA, TEM O TELÃO, É FÁCIL O ACESSO. SE EU FOR NO PACA OU MORUMBI NÃO TEM TELÃO, VOU FICAR UM PEIXE FORA D'ÁGUA</p>
SONORA SUELI	06:28-07:04	SONORA SUELI	<p>NÃO É SO NO CAMPO DA PONTE PRETA, POR EXEMPLO, VOCÊ ESTÁ AFIM DE ASSISTIR UM JOGO DE VÔLEI QUE TEVE O JOGO QUARTA-FEIRA, JÁ NÃO DÁ PRA MIM IR. TEM ESCADARIA, VOCÊ NÃO CONSEGUE SUBIR ESCADA PARA VER O JOGO, NÃO TEM ACESSIBILIDADE NENHUMA, NÃO PENSAM EM CAMPO, EM ESTÁDIO, NADA. VAI EM UMA BOATE NÃO TEM COMO VOCÊ IR, ENTRAR, É ESCADA OU É UMA RAMPA, É COMPLICADO, JOGO DURO PRA MIM, ENTÃO VOCÊ FICA CHATEADA</p>

SONORA SILVIA	04:51-05:20	SONORA SILVIA	<p>PARA AS NOVAS ARQUITETURAS, ESTÁDIOS NOVOS, FORAM CONTEMPLADAS A ACESSIBILIDADE PORQUE EXISTE UMA LEI QUE GARANTE ISSO. OS ANTIGOS É MUITO MAIS DIFÍCIL, MAS NÃO IMPOSSÍVEL. PRECISA TER A VONTADE DE QUE ISSO ACONTEÇA. ASSIM COMO EU DISSE QUE AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA PRECISAM ESTAR NO PALCO E PLATEIA, AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA PRECISAM ESTAR INSERIDOS NO ESPORTE, COMO PRATICANTES, TORCEDORES E PARA ISSO PRECISA DE ACESSIBILIDADE</p>
SONORA CÁSSIO	11:57-12:25	SONORA CÁSSIO	<p>SE AQUELE ESTÁDIO ESTÁ RECEBENDO UMA COMPETIÇÃO É POR QUE DE ALGUMA FORMA ELE FOR ABILITADO, OU SEJA, DE ALGUMA FORMA A ENTIDADE FOI, CHECOU E ELE FOI CAPACITADO DE RECEBER ESSE GRUPO DE PESSOAS, SÓ QUE SE NO DIA, O QUE ACONTECE, NO DIA DA AVALIAÇÃO TODO MUNDO VAI LÁ, PINTA PAREDE, DEIXA TUDO BONITÃO, MAS NÃO NECESSÁRIAMENTE MANTEM AS CONDIÇÕES OU AS VEZES FECHA AQUELE ACESSO POR QUALQUER MOTIVO E POR ISSO QUE É IMPORTANTE, NO DIREITO A GENTE SEMPRE FALA O SEGUINTE, MAS DO QUE TER DIREITO, É IMPORTANTE VOCÊ TER PROVAS, NÃO QUE A PROVA SEJA MAIS IMPORTANTE QUE O DIRETO, MAS PRA VOCÊ DOCUMENTAR ISSO É UM PASSO ESSENCIAL PARA QUE PROVIDENCIAS SEJAM TOMADAS</p>
SONORA NINA	06:28-07:06	SONORA NINA + IMAGENS COM AS NOTÍCIAS	<p>ENTÃO NA HORA QUE FICAVA LÁ, VOCÊ SÓ VIA. PERNAS DE PESSOAS, NÃO É? E ELE RESOLVEU FICAR DE COSTAS. ELE FALOU, NÃO, EU NÃO VOU FICAR AQUI. AÍ ELE FICOU DE COSTAS. DAÍ ELE COMEÇOU A FALAR ALTO LÁ. DAÍ FORAM VER O QUE ESTAVA ACONTECENDO, PORQUE O INGRESSO QUE FOI COMPRADO ERA INGRESSOS PARA O SETOR CADEIRANTE E CHEGANDO LÁ FOI INFORMADO QUE O SETOR CADEIRANTE ERA AQUELE SETOR, UM SETOR. QUE DESMERECE QUALQUER PESSOA, NÉ? QUE ESTÁ PAGANDO POR UM INGRESSO. NÃO É PORQUE ELE COMPROU UM MERO, MAS NÃO. ELE COMPROU UM INGRESSO ESPECÍFICO PARA O PROBLEMA DA CADEIRA DE RODAS, NÃO É? E NÃO CONSEGUIU ASSISTIR O JOGO?</p>

SONORA NINA	04:51-05:20	VÍDEO 9 + VÍDEO 10 + VÍDEO 11 + VÍDEO 12 + VOICE OVER NINA	VOICE OVER NINA + VÍDEOS OCORRIDOS
SONORA CLÁUDIO	05:24-06:41	SONORA CLÁUDIO	<p>UMA EXPERIÊNCIA QUE A GENTE TEVE NESSE SENTIDO FOI NA NEO QUIMICA ARENA, ESTÁDIO DO CORINTHIANS. VENDERAM O MEU ASSENTO DE CADEIRANTE PARA UMA PESSOA ANDANTE, E A MOÇA, O CASAL QUE ESTAVA NO MEU LUGAR SE RECUSOU A SAIR. EU FALEI QUE ERA UM LUGAR PRA CADEIRANTE.</p> <p>RODA IMAS</p> <p>"MAS ME VENDERAM ESSE LUGAR", MAS O PROBLEMA NÃO É MEU.EU ACHO BASTANTE COMUM, CARA. NOS JOGOS DO MARACA POR EXEMPLO, QUE É O MAIOR ESTADIO DA NOSSA CIDADE, MUITAS PESSOAS FICAM EM PÉ, NA ÁREA DO CADEIRANTE, ASSISTEM O JOGO SE ESBARRANDO EM MIM, EM CIMA DE MIM, COMEMORA GOL EM CIMA DE MIM OQ NÃO RESPEITAM A ÁREA RESERVADA.</p>
SONORA RENAN	34:24-36:07	SONORA RENAN	<p>EM 2015 ASSIM, ESSE EPISÓDIO QUE EU FALEI, NÃO É? EU TINHA GANHADO INGRESSOS PARA O SETOR GOL NORTE. A POLÍCIA, LÁ TEM UM LUGAR PARA CADEIRANTES. SÓ QUE A POLÍCIA NÃO DEIXA CADEIRANTE ENTRAR LÁ. POR QUÊ? PORQUE ELAS ACHAM, ACHAM QUE ORGANIZAVA, VAI BRIGAR LÁ E VAI, VAI MATAR OS CADEIRANTES, ENTENDEU? ELAS ACHAM QUE VAI TER TUMULTO LÁ E NUNCA TEM ISSO AÍ. QUEM VAI AO ESTÁDIO SABE QUE NÃO TEM, NÃO TEM TUMULTO ALI, O TUMULTO QUE TEM É FORA DO ESTÁDIO, DENTRO DO ESTÁDIO, É RARO. DE JOGOS 100 JOGOS, O TEM. ENTÃO EU CHEGUEI LÁ COM INGRESSO PARA O SETOR GOL NORTE, O CARA FALOU, NÃO PODE ENTRAR AQUI, NÃO PODE ENTRAR ALGUMA COISA, E AÍ? EU ESTOU COM O INGRESSO DO GOL NORTE, TEM UM LUGAR PARA CADEIRANTE E EU NÃO VOU ENTRAR? COMO É QUE É O NEGÓCIO? BELEZA, FALARAM QUE IAM ME REMANEJAR PARA OUTRO SETOR. EU FUI LÁ PARA O GOL SUL, DO OUTRO LADO, DO OUTRO GOL LÁ. SÓ QUE AÍ O CARA PEGA E FALA PRA MIM, Ó, QUANDO VOCÊ VIER, VOCÊ COMPRA NO GOL SUL. AI EU FALEI, SÓ PORQUE EU SOU CADEIRANTE, PORQUE EU TENHO QUE USAR UMA CADEIRA DE RODAS, EU</p>

			VOU TER QUE PAGAR 2 VEZES MAIS, O SETOR SUL É MAIS CARO, DUAS VEZES MAIS. É JUSTO ISSO? POR SER CADEIRANTE, POR TER UMA DEFICIÊNCIA, EU TENHO QUE PAGAR MAIS AINDA PARA IR AO ESTÁDIO.
<b>SONORA KLAUBER</b>	05:23-05:44	<b>SONORA KLAUBER</b>	ÀS VEZES QUANDO TO SEM MINHA CACHORRA, QUANDO TA CHOVENDO, EU NÃO LEVO ELA, VOU DE BENGALA, AS VEZES SAIO DIRETO DO SERVIÇO. ÀS VEZES ELAS FALAM "TEM QUE USAR O BANHEIRO LA EMBAIXO", MAS COMO O DEFICIENTE VISUAL VAI PASSAR PELAS ESCADAS, PODE TROPEÇAR, EU TENHO UMA PLACA DE FERRO NA CABEÇA, ENTÃO POSSO CAIR, FICA ESSA DISCUSSÃO COM O PESSOAL DA ORGANIZAÇÃO.
<b>SONORA CÁSSIO</b>	15:47-16:01	<b>SONORA CÁSSIO</b>	TODA VEZ QUE ALGUEM POR UMA AÇÃO OU OMISSÃO, CAUSA DANO E SE É COMPROVADO QUE ESSE DANO É DECORRÊNCIA DESSA AÇÃO OU OMISSÃO, VOCÊ DEVE REPARAR NESSE CASO MORALMENTE A PESSOA
<b>SONORA FERNANDO</b>	05:01-05:21	<b>SONORA FERNANDO</b>	EU ACOMPANHANDO A ELA, EU FUI REVISTADO PELA PM E ELA NÃO FOI. PERGUNTEI PRO POLICIAL "ELA NÃO VAI SER REVISTADA?". "AH ELA NÃO COITADA". TAMBÉM TEM ISSO, AQUELA COISA. NÃO É COITADA.
<b>SONORA SILVIA</b>	03:15-03:38	<b>SONORA SILVIA</b>	AINDA TEM UM POUCO DE OLHAR A PESSOA COM DEFICIÊNCIA COM DÓ OU PIEDADE. ISSO É UMA COISA QUE AO LONGO DO TEMPO, CULTURALMENTE, TENTAMOS MODIFICAR PRA TER UM OUTRO OLHAR. O QUE AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA PRECISAM É DE OPORTUNIDADES. NÃO ADIANTA ESSE OLHAR DE "AI, COITADINHO" PORQUE NENHUM É COITADINHO.
<b>SONORA KLAUBER</b>	05:53-06:53	<b>SONORA KLAUBER</b>	É UMA BRIGA CONSTANTE COM EQUIPE DOS POLICIAIS, POR QUE É O SEGUINTE. PARA GRANDE PARTE DA SOCIEDADE O CEGO TEM QUE TER O OLHO FUNDO, UM COITADO, UM MENDIGO PEDINDO ESMOLA E NÃO É ASSIM. A GENTE TEM DEFICIÊNCIA MAS TEMOS VIDA NORMAL, MEU OLHO NÃO APARENTA. AS VEZES TO COM A CACHORRA E OS

<p><b>SOBE SOM + VÍDEO KLAUBER</b></p>	<p>00:00-00:05</p>	<p><b>SOBE SOM + VÍDEO KLAUBER</b></p>	<p>PRÓPRIOS POLICIAIS NÃO SÃO MUITO TREINADOS, NÃO GENERALIZANDO MAS TEM AQUELES QUE SÃO RECRUTAS, AQUELES SOLDADINHOS QUE FICAM NA REVISTA E É ISSO, AS VEZES TA AQUELA MUVUCA DE 100, 200 PESSOAS PRA ENTRAR. ELES FAZEM PAUSAS PARA IR ENTRANDO E UMA VEZ FUI ENTRANDO NUMA FILA, A CACHORRA PASSANDO, AÍ O POLICIA DISSE "PERAE PERAE VC TEM QUE FICAR NA FILA". COMO UMA PESSOA TREINADA, CONCURSADA, ENSINADO PRA ENTENDER FALA ISSO. COMO EU VOU FICAR NA FILA? SOU UMA PESSOA COM NECESSIDADE ESPECIAL</p>
<p><b>ARTE DOS ESTÁDIOS</b></p>	<p>00:00-01:00</p>	<p><b>ARTE RANKING DOS ESTÁDIOS</b></p>	<p>ARTE COM RANKING DE ESTÁDIOS COM BASE EM DADOS DA SISBRACE/QUE AVALIA AS CONDIÇÕES E ACESSIBILIDADES DE VÁRIOS ESTÁDIOS DO BRASIL/POSIÇÕES DOS CLUBES DIRETO DAS ASSESSORIAS E OPINIÕES DO CLAUBER SOBRE OS ESTÁDIOS DE FÁCIL ACESSIBILIDADE//CORINTHIANS – ACESSIVEL PALMEIRAS – ACESSIVEL BRAGANTINO – ASSESSORIA</p>
<p><b>SONORA RAFA</b></p>	<p>11:20-11:41</p>	<p><b>SONORA RAFA</b></p>	<p>NO INÍCIO A GENTE NÃO TINHA, MAS EU VOU RESSALTAR UMA COISA IMPORTANTE QUE HOJE EM DIA O PESSOAL DÁ UM SUPORTE BEM BACANA PRA GENTE. A GENTE CONSEGUIU CRIAR UM VINCULO COM OS FUNCIONÁRIOS, COM O PESSOAL DA ARENA QUE TRABALHA E ELES NOS AJUDAM BASTANTE, DÃO UM SUPORTE BACANA PRA GENTE.</p>
<p><b>SONORA JULIANA</b></p>	<p>19:01-19:55</p>	<p><b>SONORA JULIANA</b></p>	<p>EXATAMENTE ASSIM, O CORINTHIANS É O TIME DO POVO, NÃO É? ACHO QUE É UM DOS TIMES MAIS INCLUSIVOS. ELES NÃO ABRAÇAM SÓ O TÍTULO COMO OUTRAS DEFICIÊNCIAS TAMBÉM. ELES TÊM UM TIME DE PORTADORES DE SÍNDROME DE DOWN, MUITO LEGAL E ASSIM, COMO ELES TÊM O SETOR TEA, ENTÃO COM CERTEZA ELES IRIAM NOS ABRAÇAR, NÉ? ENTÃO, DESDE O PRIMEIRO INSTANTE, A GENTE FOI SENDO BEM RECEBIDOS PELO PESSOAL DA ARENA E AGORA QUE A GENTE MEIO QUE ESTÁ PRESENTE ALI TODOS OS JOGOS. ELES CUMPRIMENTÃO A GENTE, TRATA SUPER BEM E AGORA ELES ESTÃO SOB RESPONSABILIDADE DA NOSSA FAIXA, ENTÃO ELES QUE CUIDAM DELA, ENTENDEM LÁ, DEPOIS RECOLHE. O ACOLHIMENTO QUE ELES DERAM PARA A GENTE É TÃO LEGAL.</p>

<p><b>SONORA RITA</b></p>	<p>18:45-18:24</p>	<p><b>SONORA RITA</b></p>	<p>NA REALIDADE O ESPORTE AJUDA A TODOS NÓS NÉ? EM TODAS AS PESSOAS CONSIDERADAS COM DEFICIÊNCIA OU NÃO NÉ. ESSA AUTOSUPERAÇÃO GERA AUTOESTIMA, GERA AUTOCONFIANÇA PARA TODOS NOS QUER SEJA PARA A PESSOA COM ALGUMA DEFICIÊNCIA FÍSICA, MENTAL, VISUAL OU PARA TODOS NÓS DA SOCIEDADE QUE NOS CONSIDERAMOS NORMAIS E NA REALIDADE SOMOS DIFERENTES ENTRE NÓS NÉ, ENTÃO O ESPORTE AJUDA NA SUPERAÇÃO</p>
<p><b>SONORA RENAN</b></p>	<p>49:56-50:37</p>	<p><b>SONORA RENAN</b></p>	<p>FUTEBOL É IMPORTANTE PARA MIM, SABE? NÃO SÓ PARA MIM, É PARA TODOS, SABE? PROMOVE INCLUSÃO, NÃO É? EU ESTOU NO ESTÁDIO, NO MEIO DA TORCIDA EU ME SINTO UM CIDADÃO, NÃO É? EU ME SINTO UMA PESSOA COMO QUALQUER OUTRA ALI NO MEU PÓ. TO ALI QUERENDO O PALMEIRAS GANHANDO. ENTÃO, HORA QUE FAZ O GOL VOCÊ VÊ O NEGRO ABRAÇAR O BRANCO. NÃO É? VOCÊ VÊ A MULHER ABRAÇAR O CARA, TODO MUNDO SE ABRAÇA, NÃO TEM DIFERENÇA NENHUMA. ACHO QUE O FUTEBOL ALI ELE QUEBRA QUALQUER BARREIRA DE PRECONCEITO.</p>
<p><b>SONORA KLAUBER</b></p>	<p>01:05-02:04</p>	<p><b>SONORA KLAUBER</b></p>	<p>O CORINTHIANS ME DEU FORÇA DE VONTADE DE CONTINUAR A VIDA NÉ. DIANTE DE UMA DOENÇA GRAVE, UM TUMOR NO CÉREBRO VC VOLTAR A CAMINHAR, A VIVER. O CORINTHIANS ME DEU ESSA MOTIVAÇÃO DE SABER QUE TUDO VALE A PENA,NÉ. O CORINTHIANS NUNCA FOI FÁCIL NÉ, SEMPRE FOI DIFÍCIL AS COISAS, ENTÃO TRAGO ISSO PRA MINHA VIDA. COMO AS DIFICULDADES QUE NO TEMOS NO DIA A DIA DE ENFRENTAR O CORINTHIANS É UMA PROVA CONCRETA DISSO, NUNCA FOI FÁCIL, OS ULTIMOS MINUTOS, LANCES, NUNCA DESCAREDTA PQ O CORINTHIANS MUDA O PLACAR, MUDA O JOGO, MUDA DE UMA HORA PRA OUTRO ENTÃO ISSO É CORINTHIANS, É VIVER ESSA EXPERIENCIA DE QUE NUNCA TA ACABADO, SEMPRE HÁ UMA CHANCE, APITO FINAL ENTÃO A GENTE NÃO DESISTE NÉ, E VAMOS INENTIVAS. VAMO CORINTHIANS, VAMOS CORINTHIANS, QUE ESSA NOITE TEREMOS QUE GANHAR. ENTÃO O CANTO DA FIEL NOS MOTIVA A CAMINHAR E CONTINUAR PORQUE NUNCA FOI FÁCIL NÉ</p>

<b>SONORA CLÁUDIO</b>	01:24-01:49	<b>SONORA CLÁUDIO</b>	HOJE ESSE PROJETO NOS TRAZ FELICIDADE. PRA GENTE QUE É CADEIRANTE É COMO SE FOSSE UMA TERAPIA. A GENTE ABDICA DE IR PARA RESTAURANTES, TEATROS, NÃO FOMOS PARA POUPAR DINHEIRO PRA IR PRA COPA ASSISTIR OS JOGOS DA SELEÇÃO. REPRESENTA TUDO NA NOSSA VIDA, O QUE NOS FAZ FELIZ, FAZER PROJETOS E PLANEJAR O NOSSO FUTURO.
<b>SONORA LÉO</b>	20:50-20:56	<b>SONORA LÉO</b>	FUTEBOL É ALEGRIA, ALEGRIA, ALEGRIA
<b>SONORA NINA</b>	21:12-21:27	<b>SONORA NINA</b>	ELE É FELIZ, NÃO TEM PROBLEMAS... ELE ESPERA O DIA DO JOGO, ELE FICA ESCUTANDO O RÁDIO, LIGA PERGUNTANDO QUEM VAI LEVAR ELE PRO JOGO. ELE FICA ESPERANDO O DIA DO JOGO.
<b>SONORA NINA</b>	21:43-22:09	<b>SONORA NINA</b>	CÊ GOSTA DE GRITAR, XINGAR LE? XINGAR A MÃE DELE! ELE GRITA, ELE GRITA BASTANTE, ELE VIBRA DE VERDADE NOS JOGOS.
<b>SONORA SUELI</b>	23:56-24:08	<b>SONORA SUELI</b>	O ESPORTE AJUDA VOCÊ NÃO TER DEPRESSÃO. VOCÊ FICA MUITO SOZINHA... ENTÃO VOCÊ VAI VER UM JOGO, VOCÊ TORCE, VÊ UM VÔLEI, UM BASQUETE, VOCÊ TORCE. VOCÊ ASSISTE E SAI DAQUELA AGONIA
<b>SONORA RAFA</b>	19:22-20:15	<b>SONORA RAFA</b>	2012, EU TIVE UMA DEPRESSÃO PESADA, ENTREI NUMA DEPRESSÃO BEM PESADA MESMO, E EU LEMBRO QUE 2012, O QUE ME AJUDAVA A REGULAR E CONTROLAR, ERA OS JOGOS. O CORINTHIANS ESTAVA VIVENDO AQUELA FASE BOA, NA ÉPOCA DA LIBERTADORES, ENTÃO ERA UM MOMENTO QUE EU TINHA TIPO UM REFUGIO, PROCURAVA ME SENTIR BEM NOS JOGOS E EU CREIO QUE AQUILO ALI ME AJUDOU BASTANTE, QUE DEPOIS A LIBERTADORES A DEPRESSÃO VEIO MEIO QUE EMBORA ASSIM, SEM EU PERCEBER E EU PERCEBI ASSIM NA ÉPOCA, QUE FOI UMA COISA QUE ME SALVOU, ME LIBERTOU DESSA MALDIÇÃO QUE ME ASSOLAVA POR UM BOM TEMPO
<b>SONORA JULIANA</b>	22:38-23:39	<b>SONORA JULIANA</b>	SALVA DEMAIS, O ESPORTE EM SI ELE SALVA, NÃO É? É QUALQUER TIPO DE ESPORTE, É FUNDAMENTAL DEMAIS A GENTE PRATICAR ALGO E O FUTEBOL ASSIM, EU SEMPRE FUI BEM APEGADA. NÃO SÓ A

NOTA PÉ ENCERRAMEN TO	00:00-01:00	NOTA PÉ ENCERRAMENTO	QUESTÃO DO CORINTHIANS, MAS EU JOGAVA TAMBÉM NO MEIO DOS MENINOS NA RUA, AMAVA JOGAR FUTEBOL E JÁ TREINEI ESCOLINHA. E É DO ANTES DO MOVIMENTO. EU PASSEI POR UM PERÍODO BEM DEPRESSIVO, ENTÃO É. EU ATÉ ME DESLIGUEI UM POUCO DO CORINTHIANS, FIQUEI UM TEMPO SEM CONSEGUIR ACOMPANHAR OS JOGOS. E DAÍ VOLTANDO PARA O MOVIMENTO, ELE TEM ME AJUDADO BASTANTE E EU TENHO HIPER FOCADO MAIS NO CORINTHIANS.
-----------------------------	-------------	----------------------	---

## 2. Cartas de cessão de imagem

As autorizações estão no link acima e apresentadas abaixo.

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

EU, Romani Bassicass de Macedo,  
(nome)

Brasileira, solteiro, RG 34.067.443-X  
(Nacionalidade) (Estado Civil)

residente e domiciliado à Av. Ezequiel da C. Glória,  
(rua ou avenida e número) 590 Bl. Capão 23

Jd. Maria Mogi das Cruzes SP 08775-530  
(Bairro) (Cidade) (Estado) (CEP)

AUTORIZO, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 26 de novembro de 2022

Romani  
(assinatura)

ANEXO VI

AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Fernando Gramoni.....,

(nome)

Brasileira, Cesado....., RG 13/163521-8

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Adolfo João Teixeira 147

(rua ou avenida e número)

Teixeira, Campinas, SP, 13032-390

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 27 de Novembro..... de 2022

Fernando Gramoni

(assinatura)

## ANEXO VI

### AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

#### AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Leonardo Marcel Bragard Albuquerque Benedito, Brasileira, Solteira, RG 18460234-8, residente e domiciliado à Rua Sebastião Silvéro, 196, Jardim do Sul, Bragança Paulista, SP, CEP 12916-550, **AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Bragança Paulista, 24 de Novembro de 2022.

LEONARDO

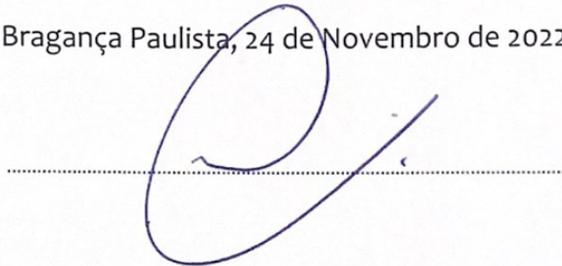
## ANEXO VI

### AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

#### AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Marianina Matilde Cristiane Bragard Albuquerque Benedito, Brasileira, Solteira, RG 19702261-3, residente e domiciliado à Rua Sebastião Silvéro, 196, Jardim do Sul, Bragança Paulista, SP, CEP 12916-550, **AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Bragança Paulista, 24 de Novembro de 2022.



**ANEXO VI**  
**AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM**

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Juliana Prado, RG 50.515.125-x Brasileira, solteira ,  
residente e domiciliado à R. Nova Britânia, 189 JD Maringá 04814-000 São  
Paulo - SP

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o  
**CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a  
gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e  
impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens  
serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob  
pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 25 de Novembro de 2022

Juliana Prado

**ANEXO VI**  
**AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM**

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Rafael Lopes, RG 43.788.623-2 Brasileiro, solteiro,  
residente e domiciliado à R. Ermelina Andrade Santos 80B JD Reimberg  
04845-120 São Paulo - SP

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o  
**CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a  
gravar

e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 25 de Novembro de 2022

Rafael Lopes

**ANEXO VI**

**AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM**

**AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM**

Eu, Sualí Gramari,

(nome)

Brasileira, Solteiro, RG 13463563-2

(Nacionalidade)

(Estado Civil)

residente e domiciliado à Rua Aly Cesar Pasol 172

(rua ou avenida e número)

Jd. Planalto Campinas SP, 13092-035

(Bairro)

(Cidade)

(Estado)

(CEP)

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 27 de Novembro de 2022

S Gramari

(assinatura)

## ANEXO VI

### AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

#### AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Klauber Nardelli Silva, Brasileiro, Solteiro, 33360882-3, residente e domiciliado à R. Dominiciano Ribeiro 365 cidade Líder, São Paulo – SP, 08280 260.

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

São Paulo, 24 de Novembro de 2022

Klauber Nardelli Silva

## ANEXO VI

### AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

#### AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, CÁSSIO SANTOS DE ÁVILA RIBEIRO JUNIOR, brasileiro, solteiro, RG nº.36.488.081-8, residente e domiciliado à Rua Dr. Buarque de Macedo 280, Cep:13073-010, Jd. Guanabara, Campinas – SP,

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

Campinas, 18 de novembro de 2022

CASSIO SANTOS DE  
AVILA RIBEIRO JUNIOR

Assinado de forma digital por  
CASSIO SANTOS DE AVILA RIBEIRO  
JUNIOR  
Dados: 2022.11.18 19:37:52 -03'00'

## ANEXO VI

### AUTORIZAÇÕES DE CESSÃO DE IMAGEM

#### AUTORIZAÇÃO DE VEICULAÇÃO DE IMAGEM

Eu, Silvia Pin Grecco, Brasileira, Solteira, residente e domiciliado à Rua Libero Badaró, 425, 32º andar – Centro, São Paulo - SP, 01009-905.

**AUTORIZO**, a título gratuito e irrevogável, a partir da presente data, o **CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO DA PUC-CAMPINAS**, a gravar e a utilizar imagens editadas nos trabalhos audiovisuais, eletrônicos e impressos produzidos para a Faculdade de Jornalismo. Estas imagens serão utilizadas exclusivamente para veiculação, não podendo, sob pretexto algum, serem comercializadas.

São Paulo, 28 de novembro de 2022

Silvia Prin Grecco

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO FACULDADE  
DE JORNALISMO**

**FELIPE FERRARI BERTOCHI**

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA  
CAPACITISMO ESTRUTURAL: REPRESENTAÇÃO DAS  
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO JORNALISMO**

**CAMPINAS**

**2022**

**FELIPE FERRARI BERTOCHI**

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA  
CAPACITISMO ESTRUTURAL: REPRESENTAÇÃO DAS  
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO JORNALISMO**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO JORNALISMO da Faculdade de Jornalismo da PUC Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto Roldão

**PUC-CAMPINAS**

**2022**

## Introdução

Segundo levantamento feito pelo IBGE<sup>1</sup> (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2019, há 17,3 milhões de pessoas com deficiência no Brasil, o que corresponde a 8,4% da população nacional. Esta pesquisa discute o assunto ao abordar o capacitismo na mídia e no jornalismo. O capacitismo é o termo usado para designar o preconceito sofrido pelas pessoas com deficiência na sociedade.

Esse preconceito vai desde a estranheza com corpos diferentes até um sentimento de dó ou piedade para com essas pessoas, já que muitos consideram os PCDs (Pessoas com Deficiência) “coitadinhos”. Além disso, o capacitismo também se caracteriza pela falta de acessibilidade em determinados locais, por exemplo, que vai de encontro a Lei nº 13.146<sup>2</sup>, que assegura, no capítulo IX, que todos os ambientes como casas de shows, edifícios, estádios, devem ser munidos de uma arquitetura totalmente acessível.

Além disso, o capacitismo também está na mídia e no jornalismo, logo, esta pesquisa aborda o assunto por meio do desenvolvimento de três tópicos: Os motivos para a estigmatização da pessoa com deficiência na sociedade; O capacitismo como um preconceito estrutural na mídia e o campo jornalístico como um meio de reprodução de estereótipos.

O objetivo geral é identificar, utilizando-se de revisão bibliográfica, o papel que o jornalismo exerce como um meio de reprodução de estereótipos e cunhos preconceituosos para com as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, seja ela física, mental ou psíquica. Para atender esse objetivo, o trabalho será desenvolvido por meio da metodologia da revisão bibliográfica.

Segundo Antônio Carlos Gil, o método da pesquisa bibliográfica, o qual é utilizado nesta pesquisa, é feito a partir de material já elaborado.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas (GIL, 2004, p. 44).

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9160-pesquisa-nacional-de-saude.html?edicao=29270&t=resultados>> Acesso em 25 abr. 2022.

<sup>2</sup> Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)> Acesso em 22 abr. 2022

Ainda segundo Gil (1987), o processo de criação de projetos científicos deve ser organizado de forma clara e detalhada, mesmo que ainda não existam regras fixas para tal ação.

Dessa forma, a presente pesquisa se baseia em uma busca por textos, artigos, livros e teses que falem sobre o tema capacitismo e deficiência, em plataformas como Google Acadêmico, a fim de constatar e exemplificar o preconceito contra as pessoas com deficiência no campo jornalístico e na mídia em geral.

## **Tópicos da revisão bibliográfica**

### **Os motivos para a estigmatização da pessoa com deficiência na sociedade**

O preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade (SILVA, 2006). É dessa maneira que algumas pessoas com deficiência são vistas na sociedade atual, como seres “inferiores” ou com maior fragilidade perante pessoas sem deficiência. Esse tipo de preconceito se chama capacitismo. Segundo Carpenedo e Marchesan (2021), o capacitismo é uma

[...] expressão que designa o preconceito em relação às pessoas com deficiência, que surge a partir do fato de que no senso comum pressupõe-se que o sujeito com deficiência possui todas as suas capacidades limitadas ou reduzidas, constituindo-se em uma pessoa automaticamente “menos capaz” (CARPENEDO, MARCHESAN, 2021, p. 45).

Esse tipo de preconceito vem desde a antiguidade. Ainda segundo Carpenedo e Marchesan (2021), os recém-nascidos eram examinados por anciãos para ver se eram “adequados”.

Nesse sentido, Silva (1987) comenta que os recém-nascidos eram examinados por uma comissão oficial composta de anciãos e se parecessem feios, disformes e franzinos eram lançados a um abismo, para a morte. Além disso, esses anciãos consideravam ruim, para a criança e para a república, que ela vivesse, visto não ser forte, saudável e rijo o suficiente para enfrentar a vida (CARPENEDO, MARCHESAN, 2021, p. 46).

Em Esparta, por exemplo, as crianças que nasciam com algum tipo de deficiência eram mortas logo no início da vida, jogadas de um penhasco. Logo, desde os tempos antigos até os dias atuais, o conceito de corpos perfeitos e corpos normais

permeiam a sociedade. Porém, de acordo com Di Marco (2020), no livro “Capacitismo: o mito da capacidade”, não há um corpo ideal.

A ideia do normal tange essa captura que há em relação a falsa simetria que se dá ao comparar corpos. É uma ideia binária de melhor e pior, mais forte e mais fraco, sendo que não existe uma lei universal que encontre um padrão de corpo, porque ele é variante (DI MARCO, 2020, p. 8).

É isso que a pessoa com deficiência busca. Se livrar desses preconceitos que sempre a permeia. Seja um olhar de pena recebido na rua, como se fosse um ser inferior, ou até mesmo um destrato de pessoas, considerando os PCDs incapazes. Carpenedo e Marchesan afirmam que essa estigmatização é sócio-histórica.

Enxergar a pessoa com deficiência com base em uma perspectiva pré-concebida, limitante por natureza, provém de uma constituição sócio-histórica de pensamentos que fundamentam uma série de preconceitos. Esses pensamentos resultam em ideias que passam a ser disseminadas pelas mais distintas esferas sociais e acabam por afetar todos os sujeitos com deficiência, porque pressupõe que esses sujeitos possuem limitações que lhes incapacitam em todas as instâncias da vida, fazendo com que suas capacidades sejam suprimidas por um discurso totalizante e excludente (CARPENEDO, MARCHESAN, 2021, p. 54).

Mas, além de estereótipos relacionados a aparência ou fragilidade, os PCDs também enfrentam outro tipo de estigma. O da acessibilidade.

Com frequência, o discurso da acessibilidade corre o risco de virar um estereótipo, assim como também acontece com o estereótipo da inclusão. É preciso discriminar e reconhecer os diferentes tipos de acessibilidade e barreiras, e como somos capacitistas. Repetidamente, a acessibilidade é entendida e reconhecida apenas, ou mais predominantemente, na sua dimensão arquitetônica. Enquanto isso, a acessibilidade atitudinal é uma que depende de uma prática de autopercepção, conhecimento e análise (VENDRAMIN, 2019, p. 19).

Logo, a pessoa com deficiência, além de sofrer com o capacitismo, ainda sofre com a falta de conhecimento de boa parte da população acerca da causa dos PCDs. E além da população, a mídia em geral e, principalmente, o jornalismo também falham no aspecto da pessoa com deficiência, seja por nomenclaturas erradas, faltas de profissionais na área ou um capacitismo estrutural, ou seja, quando se é capacitista, porém carregando consigo um histórico de preconceitos velados contra os PCDs.

## **O capacitismo como um preconceito estrutural na mídia**

Diante de uma série de exemplos e fatos históricos, o preconceito com as pessoas com deficiência é presente e frequente na sociedade. Diariamente, pessoas com deficiência são alvo de piadas e comentários jocosos por parte da população, seja ambientes corporativos ou universitários/escolares. E, inclusive, esses comentários inadequados estão presentes na mídia na atualidade, ambiente o qual deveria ser livre de preconceitos.

Segundo Vivarta, a deficiência ainda não é considerada uma questão de todos os brasileiros; no máximo, um problema de alguns núcleos familiares (2003).

No imaginário, essas famílias devem aceitar o fardo de terem que lidar por tempo indeterminado com um parente próximo que não enxerga, não ouve, não anda, não conseguiu aprender a ler e a fazer contas como a maioria da população que teve acesso à educação (VIVARTA, 2003, p. 11 e 12).

Por não ser considerada um problema geral, a deficiência é tratada como “casos isolados”. Porém, no Brasil, segundo um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), feito no ano de 2019, na publicação “Pessoas com deficiência e as desigualdades sociais no Brasil”, são registradas 17,2 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência. Esse número representa quase 10% da população, mais especificamente 8,4%.

Embora o número seja alto, muitos PCDs ainda são tratados de forma errada na sociedade, seguindo um padrão de antigamente.

Até meados do século XVIII, pessoas com deficiência foram consideradas anormais, estranhas e incompetentes. De acordo com Nadir Harguiara Cervellini (2003) classificações estas que retiravam os direitos humanos fundamentais dessas pessoas como casar, ter filhos, herdar propriedades, receber instruções, além de sofrerem de diversas maneiras, como serem tratadas como animais, escondidas pela própria família, internadas em manicômios, literalmente esquecidas e muitas vezes submetidas a esconder sua deficiência (FELIZARDO, 2020, p. 11).

Ainda segundo Vivarta, a mídia, mais especificamente as redações jornalísticas, não estão preparadas para abordar e tratar o assunto da deficiência.

As redações brasileiras, entretanto, não se encontram hoje qualificadas para este papel estratégico: da mesma maneira que ocorre em relação a outras questões prioritárias da agenda social, os profissionais de jornalismo sofrem com a ausência de um processo

consistente de capacitação para a cobertura da pauta da deficiência (VIVARTA, 2003, p. 7 e 8).

Ainda para Vivarta, esse despreparo de parte da imprensa se origina ainda no ambiente universitário, já que poucas instituições de ensino preparam os futuros jornalistas para tratar do assunto. Isso, combinado com a falta de interesse dos meios jornalísticos, resultam em exclusão das pessoas com deficiência e desconhecimento sobre o tema.

A lacuna tem origem no currículo defasado da grande maioria das faculdades de comunicação e se nutre da falta de interesse das empresas. Ambos os fatores contribuem de forma marcante para impulsionar a engrenagem da exclusão que cerca as pessoas com deficiência (VIVARTA, 2003, p. 7).

As pessoas com deficiência são historicamente marginalizadas e sofrem diariamente com termos pejorativos e capacitistas. Segundo Martins (2017), o cenário de censura ou desatenção da grande mídia em relação às pessoas com deficiência, nota-se a limitada esfera pública democrática no Brasil, no sentido habermasiano, e a prorrogação da marginalização histórica sofrida por esse grupo.

Os aspectos políticos, com base no conceito habermasiano de democracia e esfera pública, permitiram notar a exclusão discursiva das pessoas com deficiência, mesmo em relação a outros grupos marginalizados como os indígenas e os homossexuais (MARTINS, 2017, p. 107).

Ou seja, ainda hoje, mesmo após avanços nas mais variadas frentes em relação a quebra de estigmas e de preconceitos, a forma como a pessoa com deficiência é tratada, inclusive na mídia, ainda é pejorativa, já que, segundo Martins (2017), a grande mídia, ainda hoje, veicula um discurso insatisfatório com relação a aspectos básicos da representação de pessoas com deficiência.

Vivarta destaca que, no país, a segregação é histórica, ou seja, vem desde antepassados, o que resulta em oportunidades menos justas e mais desigualdade para com as pessoas com deficiência.

É de conhecimento geral, entretanto, que esse significativo alargamento das fronteiras conceituais do universo dos Direitos Humanos gerado pelo modelo inclusivista não tem se traduzido, nem na abrangência, nem no ritmo desejados, em oportunidades mais justas e equânimes de participação social para as pessoas com deficiência. Historicamente atingidas por graves formas de segregação, em nosso País essas pessoas seguem, em grande parte, invisíveis à maioria das recentes conquistas da cidadania (VIVARTA, 2020, p. 6).

Por fim, para Vivarta, para melhorar o preparo da mídia e do jornalismo na questão das pessoas com deficiência, é necessário que se faça uma cobertura e uma transformação mais madura na mídia.

Para que a imprensa venha a desempenhar com eficiência o papel que lhe cabe no processo de construção de um País menos vulnerabilizado pelas injustiças sociais, será necessário, portanto, que se cristalize uma cultura jornalística suficientemente madura para pensar as questões inerentes ao desenvolvimento humano e à inclusão social como abordagem transversal à cobertura oferecida a todas as grandes temáticas nacionais (VIVARTA, 2003, p. 7).

Logo, é possível concluir que o preconceito contra as pessoas com deficiência está muito presente na mídia hoje em dia. Ao encontro disso, o capacitismo também é presente em variações da mídia, como por exemplo o campo jornalístico.

### **O campo jornalístico como um meio de reprodução de estereótipos**

Os estereótipos, além de estarem presentes na mídia, estão também no jornalismo. Porém, antes de falar das pessoas com deficiência e do meio jornalístico, é preciso definir o que é jornalismo. Segundo Nilson Lage (2014), o jornalismo se define por uma prática social.

O jornalismo é uma prática social que se distingue das outras pelo compromisso ético peculiar e pela dupla representação social: jornalistas podem ser vistos, de maneira ampla, como intermediários no tráfego social da informação ou, de maneira estrita, como agentes a serviço de causas consideradas nobres. A razão dessa duplicidade é histórica e suas consequências ganham relevância numa época em que as narrativas impostas se sobrepõem e determinam os fatos (LAGE, 2014, p. 4).

Discorrendo sobre as transformações vivenciadas no jornalismo em decorrência da implementação de recursos propiciados pelas novas tecnologias, Roxo (2018) aponta que a atividade passa por um processo de reinvenção e adaptação.

O jornalismo tem vivenciado significativas transformações na contemporaneidade com o advento da tecnologia digital e as plataformas interativas disponíveis através da internet. Muitos estudos têm se debruçado sobre esta questão, seja sobre o conceito de jornalismo e notícia, seja sobre as definições do que é ser jornalista. Podemos afirmar que o fazer jornalístico vive um momento de reinvenção e adaptações às novas tecnologias de produção e veiculação de conteúdo na contemporaneidade (ROXO, 2018).

Mesmo nesse momento de transformação e reinvenção, o jornalismo preza sempre pela busca da imparcialidade e deve, segundo a ética da profissão, zelar por

textos sem preconceitos e sem termos que depreciem públicos, tais como os LGBTQIAP+, pretos, estrangeiros e as pessoas com deficiência.

Em busca do bom jornalismo quando o assunto é relacionado com pessoas com deficiência, é necessário seguir alguns conceitos básicos. Segundo Vivarta (2003), o jornalista precisa conhecer e saber quais são esses conceitos básicos, principalmente o de inclusão.

É imprescindível que o jornalista conheça conceitos básicos como inclusão, ambiente inclusivo, trabalho inclusivo, educação inclusiva, direitos das pessoas com deficiência. O conceito de inclusão é uma conquista no campo dos direitos humanos modernos, em plano nacional e internacional, com o objetivo de dignificar toda a diversidade humana. Inclusão é o direito de todos os seres humanos participarem ativamente da vida pública, sem limites de credo, religião, posição política, etnia, opção sexual ou grau de deficiência (VIVARTA, 2003, p. 37).

Ainda segundo Vivarta (2003), é importante saber usar as palavras de forma correta e evitar o uso de nomes enraizados no vocabulário popular que não são recomendados para referir-se a pessoas com deficiência.

É muito importante saber utilizar cada termo no contexto mais adequado. Não recomenda-se o uso das palavras “portador” ou “deficiente”. Como vimos, pessoas com deficiência vêm argumentado que elas não portam uma deficiência como portamos um sapato ou uma bolsa. Já a palavra “deficiente” tem a desvantagem de tomar a parte pelo todo, sugerindo que a pessoa inteira é deficiente. É preferível a expressão “pessoa com deficiência”, que reconhece a condição de determinado indivíduo, sem desqualificá-lo (VIVARTA, 2003, p. 38).

Porém, para Silveira (2013), a sociedade no Brasil, bem como a mídia e o jornalismo, reproduzem estereótipos e preconceitos relacionados as pessoas com deficiência.

A sociedade ainda alimenta superstições, estigmas, estereótipos e preconceitos relacionados às pessoas com deficiência. Essas crenças estão enraizadas em nossa cultura e, são diariamente reproduzidas, não só pela comunicação cotidiana da sociedade, mas também, pelos meios de comunicação midiáticos e organizacionais (SILVEIRA, 2013, p. 39).

Ainda segundo Silveira (2013), algumas nomeações e palavras são mais frequentes quando as pessoas se dirigem as pessoas com deficiência, deixando clara a segregação que o grupo das pessoas com deficiência sofrem na sociedade.

Termos como imbecis, excepcionais, idiotas, dementes, deformados são algumas das nomeações utilizadas para tentar definir as pessoas com deficiência ao longo da história. Ainda hoje, pessoas diferentes são designadas por muitos desses termos e rejeitadas pela sociedade, refletindo uma segregação que vem se reproduzindo ao longo do tempo (SILVEIRA, 2013, p. 17).

Como exemplo do jornalismo sendo um meio de reprodução de estereótipos, Martins (2017), em pesquisa realizada em dois jornais do estado de São Paulo, no jornal Folha de S.Paulo, o autor encontrou o termo “aleijado” em 10 oportunidades em matérias no jornal, sendo que em oito vezes o termo foi diretamente direcionado a pessoas com deficiência. O termo “aleijado” trata-se de uma palavra capacitista que não deve ser usada para representar pessoas com deficiência, mais precisamente as pessoas que não podem andar.

Das dez ocorrências encontradas, por oito vezes o termo “aleijado” foi usado para se dirigir a pessoas com deficiência. E por duas vezes o termo não estava relacionado a pessoas, mas foi mantido nesse resultado geral para expor o sentido depreciativo que essa palavra carrega mesmo quando não se refere a pessoas com deficiência (MARTINS, 2017, p. 87).

Portanto, não só em sociedade é possível ver pessoas sendo capacitistas e preconceituosas para com as pessoas com deficiência. Na mídia, como exposto acima, isso é uma situação que acontece. É necessário portanto, de acordo com Vivarta (2020), que apenas com o envolvimento dos diversos setores da sociedade será possível reverter o impacto dessa herança discriminatória o capacitismo.

### **Considerações finais**

Diante do apresentado pela presente pesquisa, as pessoas com deficiência sofrem com um preconceito na sociedade chamado capacitismo. Esse preconceito tende a rebaixar e diminuir as pessoas com deficiência, julgando-as com base em suas características físicas, psicológicas e intelectuais. Esse preconceito é presente na sociedade desde os primórdios, onde crianças julgadas imperfeitas eram descartadas pelos pais e anciãos, como no auge de Esparta, por volta de 500 a.C. Logo, criou-se um estigma, reforçado ao longo do tempo até o presente, de preconceito contra as pessoas com deficiência.

Além disso, o capacitismo também é caracterizado por termos inadequados, como “retardado”, frases ofensivas e situações em que a pessoa com deficiência é

julgada como “coitada”, ou seja, uma pessoa que deveria gozar de benefícios pela condição de pessoa com deficiência.

A presente pesquisa, através de revisão bibliográfica de autores especialistas no tema deficiência, confirmou as origens desse preconceito, bem como expôs, através desses autores e exemplos reais, que a mídia reproduz esses preconceitos no cotidiano. A pesquisa, também através de exemplos, conclui que esse preconceito contra as pessoas com deficiência é estrutural, ou seja, é moldado através de preconceitos que são intrínsecos a sociedade, passados de geração a geração, e, como resultado, discriminam as pessoas com deficiência, iniciando um processo de segregação e discriminação dessas pessoas na sociedade, que ficam isoladas em grupos, não conseguem empregos e sofrem com piadas e comentários diariamente.

Para além da mídia, o jornalismo também é um meio reprodutor de preconceitos contra a pessoa com deficiência. Jornais e revistas reproduzem, com frequência, termos e palavras inadequadas para referir-se as pessoas com deficiência, cometendo erros ao tratar do assunto pessoa com deficiência.

Muitas vezes os jornalistas, bem como as pessoas, não estão preparados para discutir o tema da pessoa com deficiência. Como exposto na pesquisa, os profissionais ingressam no mercado de trabalho sem ter experiências prévias e chegam com pouco conhecimento acerca do tema, o que gera reportagens, matérias e falas capacitistas em jornais, programas etc.

Portanto, é necessário preparar os jornalistas, e sobretudo as pessoas, a aprenderem mais acerca do tema deficiência, para assim, o conhecimento acerca do tema ser repassado e difundido na sociedade, a fim do capacitismo estrutural ser reduzido e deixar de provocar situações constrangedoras e preconceituosas contra pessoas com deficiência.

### **Referências bibliográficas**

DI MARCO, V. **Capacitismo: o mito da capacidade**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2021

FELIZARDO, A. C. G. L., & SCORALICK, K. **Um olhar pela inclusão: a experiência de jornalistas com deficiência**. Memorial (TCC) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LAGE, N. **Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas**, 2014. Trabalho apresentado a Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.20-25, Jan-Jul, 2014.

MARCHESAN, A.; CARPENEDO, R. F. **Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência**. Trama, [S. l.], v. 17, n. 40, p. 56–66, 2021. Acesso em: 6 nov. 2022.

MARTINS, W. A. **A Representação Discursiva de Minorias Sociais na Mídia de Massa: As pessoas com deficiência no jornal Folha de S.Paulo**. 2017. Dissertação (Mestrado acadêmico em Comunicação), pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Unesp. Bauru/SP, 2017.

ROXO, L. A. **Jornalismo, jornalistas e notícias: uma revisitação teórica de conceitos em constante reinvenção**. 2018.

SILVA, L. M. D.. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. *Revista brasileira de educação*, (2006)

SILVEIRA, A. B. **Estigma e preconceito contra as pessoas com deficiência : a mídia e a comunicação organizacional enquanto permeadoras dos processos sociais**. Teoria (TCC) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013

VENDRAMIN, C. **Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo**. *Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos*, 2019

VIVARTA, V. Mídia e deficiência. **Revista Diversidade**, v. 2. 2003.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
CENTRO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
FACULDADE DE JORNALISMO**

**GABRIEL SORG CARNEIRO**

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA  
O JORNALISMO ESPORTIVO, MÍDIAS SOCIAIS E O  
INFOTENIMENTO**

**CAMPINAS**

**2022**

**GABRIEL SORG CARNEIRO**

**RELATÓRIO INDIVIDUAL DE PESQUISA  
O JORNALISMO ESPORTIVO, MÍDIAS SOCIAIS E O  
INFOTENIMENTO**

Relatório individual de pesquisa apresentado à disciplina **METODOLOGIA DE PESQUISA APLICADA AO JORNALISMO** da Faculdade de Jornalismo da PUC Campinas como exigência parcial para aprovação na referida disciplina, sob orientação do Prof. Me. Carlos Gilberto Roldão

**PUC-CAMPINAS**

**2022**

## Introdução

Este trabalho de pesquisa traz uma reflexão sobre a atuação do jornalismo no campo esportivo e tem também como propósito verificar como a audiência, que busca por entretenimento e diversão, influencia os produtos jornalístico, principalmente o jornalismo esportivo e o jornalismo atuando no campo do infotainment, modo este que mescla justamente a informação principal que o jornalista está querendo mostrar e o entretenimento, para que o público se relacione melhor com a notícia que a mídia quer veicular.

O Brasil é um país reconhecido mundialmente como terra de pessoas apaixonadas por esporte, e principalmente o futebol. Imagem esta, que é consolidada após a conquista do nosso primeiro título de Copa do Mundo, em 58, na Suécia

O futebol é visto pelos estudiosos como uma das três maiores expressões do nosso povo, ao lado da religião católica e do samba. Somos conhecidos como "a maior nação católica do mundo e o país do futebol com samba na veia. (CALDAS, 1986, p.1)

Com essa paixão em mente, é comprovado que a população busque por informações sobre as modalidades que acompanha, e ao mesmo tempo também procure se entreter assistindo a seus esportes, times e principalmente aos seus programas esportivos e noticiários diários, na maioria das vezes.

Com o crescimento da relevância das mídias sociais, o jornalismo tem procurado se adaptar as exigências de audiências cada vez mais segmentada e interessada na interatividade. As notícias e conteúdos oferecidos, principalmente pelo jornalismo especializado no mundo esportivo, tendem a ser direcionadas ao interesse de um público que busca por entretenimento.

Essa conexão entre os divertimentos da sociedade com os meios de comunicação, tomaram algumas proporções que saíram do controle no que diz respeito à credibilidade do conteúdo do jornalismo esportivo. Para Oselame e Costa (2013) esse fenômeno do “engraçadismo” no jornalismo esportivo pode se configurar como o fim da notícia, pois nesse formato deixa-se de lado a informação sobre o esporte e os seus conteúdos específicos, e enfoca-se no inusitado, no curioso e naquilo que pode fazer o consumidor da notícia sorrir.

Para isso, o Jornalismo esportivo busca equilibrar esses dois pontos, o entretenimento e a informação. Esses dois componentes costumam ser tratados

separadamente, mas existe uma relação clara e direta entre ambos no jornalismo esportivo.

Além do tema principal, O jornalismo esportivo, mídias sociais e o infotenimento, serão estudados três pontos que buscam reforçar e mostrar outros critérios que envolvem a discussão principal, são esses: Jornalismo esportivo, impactos e a liberdade das mídias sociais e infotenimento e transformações na mídia esportiva. Todos esses, serão estudados e levados em conta de como o jornalismo esportivo se atualizou conforme os anos, e hoje, tem grande parte relacionada com o infotenimento nas suas pautas, e conseqüentemente, nas suas notícias que vão para o público.

A metodologia escolhida para a progressão da pesquisa foi a de revisão bibliográfica. Conforme a análise das leituras, consegue-se identificar o que realmente será colocado na pesquisa. Segundo Stumpf (2010), a revisão bibliográfica é toda procura inicial de qualquer trabalho de pesquisa, seguindo alguns passos como a identificação, localização e obtenção da bibliografia sobre determinado assunto. Alguns conceitos caem e outros são mantidos, ficando ainda mais claro qual a ideia que será executada.

Seguindo esses passos e após analisar e executar todas essas etapas, vale ressaltar que o foco deste projeto é de, relacionar o processo do vínculo do jornalismo esportivo, das mídias sociais e do infotenimento. Pois para Stumpf (2010) a importância do aprofundamento da pesquisa se dá na medida em que, os problemas de pesquisa não se materializam do nada, eles evoluem com o próprio indivíduo.

## **Tópicos da revisão bibliográfica**

### **Jornalismo esportivo**

Na atualidade, todas as informações circulam de forma rápida e interativa. No mundo dos esportes, foco desta pesquisa, as pessoas podem desfrutar de uma experiência efetiva, bastando para isso ter um celular na palma da mão. Sendo assim, o jornalismo esportivo ao longo dos anos apresentou e mudou trazendo um novo modelo de realização e explicação ao sair apenas do técnico, de seriedade, para um modelo mais descontraído, emotivo e envolvendo sentimentos dos apaixonados.

Desta maneira chegamos ao nosso propósito de definir o jornalismo esportivo como um gênero superespecializado em razão da complexidade existente no tema que trata de refletir nos Instrumentos de Comunicação Coletiva, como fim de atender a uma demanda exigida por uma Massa. (ALCOBA apud SILVEIRA, 2009, p. 55)

No início do século XX, os jornais relatavam em suas folhas os campeonatos disputados pelos clubes da elite das principais cidades do país que se industrializavam e urbanizavam. Na década de 30, com a profissionalização do esporte, teve início a era do rádio, transformando o futebol brasileiro em identidade cultural no país. E nos anos 50, o futebol brasileiro se tornou um sucesso, e juntamente com o país que vivia de uma extrema valorização do nacionalismo, se deu início as revistas ilustradas que cobriam e divulgavam os feitos do nosso esporte. E posteriormente, a televisão transformaria tudo isso em um produto noticioso, relata, José Moraes em seu livro, *Visão do Jogo – Primórdios do futebol no Brasil*.

Tudo isso se iniciou no jornalismo esportivo impresso, onde a maior parte foi dedicada aos diários mostrando uma paixão nacional: o futebol. Para suprir as demandas, surgiram as revistas especializadas que se dedicaram a diferentes esportes também. Revistas essas que foram semanais ou até mesmo mensais. E com a paixão a flor da pele, o público clamava por informações diárias, surgindo os diários, onde tinham matérias mais aprofundadas e maior número de informações, dados e registro de acontecimentos. De qualquer forma, ao longo dessa transição já era presenciado uma redução dos textos, trabalhando mais as imagens, na intenção de atrair mais o leitor

A revista *Placar*, que durante esse período se popularizou muito devido a suas páginas de reportagens investigativas e reflexões sobre o mundo do futebol.

Durante 20 anos, a revista se popularizou e trouxe em suas páginas reportagens investigativas que contribuiriam para o crescimento e a modernização estrutural do esporte no Brasil. *Placar* contribuiu também para uma reflexão sobre o submundo do futebol, com importantes denúncias, sempre bem embasadas e que contemplavam o interesse público. (ROCCO, 2014, p. 2)

Junto dos meios impressos, o jornalismo esportivo fez sucesso—nas transmissões de rádio, o meio pelo qual mais se veiculava informação, virou o

meio que mais veiculava o esporte. Passando a ter transmissões dedicadas inteiras a esse tema, as ondas levavam até os ouvintes, debates, entrevistas, mesas redondas, sem falar nas transmissões de eventos esportivos, como a copa do mundo, trazendo ao público acompanhar o que estava acontecendo mesmo não estando no local.

A rádio desde sempre teve a vantagem de ser mais rápida que o jornal. A notícia pode ser dada no momento do fato. Em uma comparação com as outras mídias, Camargo (2005) salienta não só a rapidez do rádio, mas a característica de forçar a imaginação do ouvinte. Por outro lado, as revistas e jornais ganham na interpretação.

O rádio desempenha uma função ímpar, ao ampliar o imaginário do ouvinte. E também a mídia que informa com mais rapidez. Entretanto, os jornais e revistas têm a função de desenvolver matérias mais coesas e interpretativas. São as mídias mais especializadas. Por terem um tempo maior em relação a outros meios, podem ser mais criativas e apresentar ao leitor as matérias mais interpretativas e com conteúdo mais amplos. (CAMARGO 2005, p. 9)

Nos dias de jogo, as transmissões tomam conta da programação radiofônica. Os jogos narrados antigamente, eram dos times locais, mas atualmente com as transmissões em grande escala, podemos ter a presença de jogos que estão acontecendo em qualquer estado. Segundo Alcoba, o sucesso das transmissões de rádio deve-se a sete fatores (ALCOBA apud CAMARGO, 2005, p. 166). As transmissões das competições diretas do local e ao vivo são a essência dos programas esportivos; graças a tecnologia do rádio, é possível transmitir competições de diferentes lugares (ex: quando Palmeiras e Corinthians jogam no mesmo horário em diferentes lugares, a equipe de jornalistas se divide para transmitir os dois jogos, simultaneamente); o profissionalismo da equipe esportiva, quando acompanha os feitos levam aos ouvintes informações contundentes; além disso, os jornalistas devem levar ao ouvinte a visão mais imparcial possível; o narrador tem de estar apto a transmitir a emoção da competição apenas pelo timbre e entonação da voz; a transmissão sempre é feita com a publicidade que paga pelo jornada; como o ouvinte pode estar fazendo outras coisas enquanto ouve, ele pode perder alguma informação,

portanto, o jornalista precisa repetir, conseqüentemente, informações como o placar da partida, local onde está ocorrendo, nome dos atletas.

Sabemos que no Brasil essas transmissões são, na maioria das vezes, ocupadas por futebol. Outros esportes, apenas em Olimpíadas, ou quando é algo notável, como quando um atleta da região está participando de um campeonato internacional. Além desses pontos, hoje, graças à tecnologia, o público pode se manifestar através de mensagens diretas do celular. Interação essa, que aproxima o ouvinte do jornalista, trazendo um ar de integração para a transmissão.

Pontos como esse, dão início a uma nova era no jornalismo, na TV e internet. Que no início assustou os profissionais de rádio, achando que um novo veículo poderia fazer o sistema radiofônico desaparecer. A previsão não ocorreu, assim como o jornal impresso não deixou de existir, mesmo após a expansão da rádio e de posteriormente da Internet. Os meios se complementam. Cada um na sua especialidade e função.

Acompanhando a televisão podemos notar espaço para programas esportivos em diversos formatos, tanto como telejornais esportivos, como mesa-redonda, entrevistas, debates, além dos espaços nos telejornais diários. Os telejornais esportivos trazem os âncoras, que ficam no estúdio, e matérias sobre diferentes modalidades esportivas, bem como entrevistas com esportistas, tanto no estúdio quanto no local onde eles atuam no momento. Pode-se dizer que a televisão leva os esportes a todos os lugares e, através de seus recursos técnicos cria o impacto proporcionado pelas imagens geradas, que espetacularizam a ação. Dessa forma, configura-se o meio com maior número de cotas de audiência e patrocínio entre as mídias. (CAMARGO, 2005, p. 9).

Pode-se dizer que a televisão leva os esportes a todos os lugares e, através de seus recursos técnicos cria o impacto proporcionado pelas imagens geradas, que espetacularizam a ação. Dessa forma, configura-se o meio com maior número de cotas de audiência e patrocínio entre as mídias. (Camargo, 2005, p. 9). Entrevistas pré e pós-jogo, trazer informações históricas - dados, perspectivas, preparação dos times durante os dias anteriores, história do confronto.

Em 1999, a Internet virou um fenômeno. O crescimento da Internet fez surgir um novo modelo de informações, mais sucintas, ágeis, de hora em hora. Pela rede, é possível acompanhar uma transmissão esportiva, de minuto em minuto. A Internet foi fundamental e é o principal canal para limitar o grande público em pequenos grupos. Afinal, ela não sofre o problema de limite de espaços, como o impresso, podendo dedicar-se mais a outros esportes. Dessa forma, surgem as páginas destinadas a um só esporte, trazendo informações mais específicas.

A principal vantagem desse meio é a agilidade e a instantaneidade, publicando notícias praticamente no momento em que os fatos ocorrem. O serviço informativo ocorre no intervalo menor de uma hora.

Para Mário Erbolato, conceituar o jornalismo especializado, enquadrando a área esportiva é simples;

O esporte é utilizado como meio de fuga, como um momento de lazer para desestressar. Não só o fazer esporte, mas acompanhar as competições, distraem o público. Contudo, mais do que entretenimento, o aficionado busca cada vez mais informações a respeito do que ele gosta. (ERBOLATO apud SILVEIRA, 2009, p.83)

Sendo assim, podemos discutir os conceitos de noticiabilidade, valor-notícia que englobam todas essas plataformas noticiosas de uma só maneira. Quanto aos valores-notícia Coelho (2003), diz que o caráter editorial no esporte é mais livre do que um caderno que envolve outras notícias, no esporte é muito presente a paixão, emoção e a preferências. “A única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte”. Coelho (2003, p. 115),

Conclui-se-então, que nessas perspectivas o maior desafio da profissão junto de seus fundamentos, é buscar um equilíbrio entre eles e, além disso, sobreviver de apurar informações inéditas e condizentes com o que interessa ao público – e por conta disso, a especialização pode ser banalizada e tratada com um certo preconceito por voltar em inúmeras vezes para o entretenimento – construindo assim, histórias atraentes para quem assiste.

Diante dessas evoluções na comunicação, pode-se concluir que todos os meios se complementam, cada um com sua especialidade. E girando em torno

de um espetáculo só, o esporte. Para todos esses meios de comunicação, tem-se uma maneira diferente de fazer o jornalismo esportivo, mas diante de todas elas pode-se verificar a presença da notícia, valor-notícia e entretenimento sobre o espetáculo, porém não é só composto de coisas engraçadas e descontraídas. Aliás, a pergunta que se faz é, qual seria a melhor maneira de aprender o jornalismo esportivo? Percebe-se a complexidade que envolve trabalhar com o esporte ainda mais com o preconceito que se criou diante das falácias e preconceitos por parte do público.

### **Impactos provocados pelas mídias sociais**

Junto ao avanço tecnológico, o jornalismo foi beneficiado pelo surgimento dos computadores, da Internet, das mídias sociais e dos dispositivos móveis. Assim, ele evoluiu e passou a fazer uso dessas ferramentas para a propagação de notícias.

O jornalismo em geral, seja ele de rádio, televisionado ou escrito, tem como objetivo levar a informação que tenha relevância ao público que ele quer atingir. Sendo assim, é o papel do jornalista informar tudo aquilo que está acontecendo no mundo. Para Traquina (1999) a notícia ganha valor pelo seu viés de novidade;

Quanto menos previsível for, mais probabilidade tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico. É por isso que se diz, gracejando, que um cão que morde um homem não é um fato jornalístico, mas se um homem morder um cão então estamos perante um facto susceptível de se tornar notícia. O acontecimento jornalístico é, por conseguinte, um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência. (TRAQUINA, 1999, p. 27)

Com o crescimento das tecnologias, a internet ganhou destaque pela sua velocidade de conectar o mundo a diferentes informações e pessoas de maneira simples e rápida. No esporte, a mesma lógica segue, uma vez que esse é transmitido por meios digitais, porém, há ainda mais intensidade, pois é produzido conteúdo pré-jogo, durante a partida e pós-jogo. Ou seja, todas as partes de uma única partida de futebol, por exemplo, têm uma cobertura completa por parte de portais midiáticos (o que incluem os maiores do país, sem exceção), virando, algumas vezes notícia, mas sempre matéria.

Pela forma em que a partida, seus torcedores e suas histórias são contadas misturando o entretenimento e paixão por aquele esporte e trazendo isso a público, se moldando como notícia.

Diferente do jornalismo tradicional, onde a relevância de um acontecimento acaba se tornando um dos critérios mais importantes, no esporte ela acaba sendo superada por outros critérios que podem dar mais audiência e entreter mais ao público. Um fato inesperado ou controverso pode se tornar mais noticiável do que algo com relevância para a população.” (SOUZA, 2014, p. 23)

O infotainment serve atualmente para as mudanças cognitivas que o mundo sofreu, e que tem trazido cada vez mais mudanças nas práticas comunicativas, pois com a popularização da internet, a comunicação e disseminação de informações invadiu o cotidiano das pessoas, e assim, mesclou o virtual com o digital. E com essa evolução, os telespectadores tem a exigência de produzir novas habilidades na produção dos consumos. Como conclui Aleluia (2014) não há nada desde o aparecimento da internet que causou tanto efeito de forma rápida e desconcertante na nossa civilização.

O estudo do conceito do “leitor imersivo” que é citado na pesquisa de Falcão (2011), é a prova viva de que o entretenimento é uma vantagem para a informação e vice-versa, porém, tudo com moderação e curadoria dos jornalistas que vão transmitir a informação ao público. Isso não vai ser feito apenas no intuito de imersão da pessoa e retorno financeiro para aquele que está informando. Tendo como grande marca a identificação da interatividade, na qual todos se fazem negociadores de um fluxo indefinido de signos que surgem e desaparecem em função do acesso e das comutações.

Ao caminharem paralelamente, a cultura do entretenimento e as novas competências cognitivas ocasionam produtos que valorizam outras habilidades sensório-motoras, ao mesmo tempo em que fazem da comunicação palco para o lúdico, a diversão. Dessa forma, o jornalismo impregna-se de estratégias narrativas e critérios de noticiabilidade que consideram o entretenimento, em sua temática e forma, como fator significativo na seleção, produção, elaboração e publicação das notícias.” (FALCÃO, 2011, p.6)

Durante a leitura da pesquisa de Souza (2014) são analisados durante três dias, três canais esportivos e seus respectivos programas. A pesquisa queria demonstrar e provar que o entretenimento havia tomado um grande espaço da informação no jornalismo esportivo, mas não foi isso que foi constatado. E

mostrado então que existe o espaço para a informação e entretenimento coexistirem no jornalismo esportivo.

Existe variação na intensidade da relação entre entretenimento e informação. No entanto essa relação deve existir, já que o divertimento é algo intrínseco ao esporte e, portanto, deve ser intrínseco aos veículos de comunicação que o transmitem. Tratar o esporte como apenas informações deixam-no menos atrativo e tratá-lo apenas como entretenimento diminui sua relevância” (SOUZA, 2014, p. 53)

E a partir do estudo e leitura dessa pesquisa de pós-graduação, é possível fazer a análise e avaliar que é a mídia vê como uma vantagem vincular o entretenimento com a informação, mas não só fazer isso de qualquer maneira, e sim, de forma que contenham credibilidade com aquela informação que está sendo transmitida. No cotidiano da redação de meios de comunicação tradicionais, como rádio, televisão e jornal impresso, as mídias sociais servem como canal de acesso e contato com múltiplas fontes, agências de notícias e jornais online. É uma ferramenta que cria a possibilidade para que, virtualmente, se possa fazer o trabalho de vigilância e examinar documentos oficiais, realizar investigações e trabalhar assuntos que, em boa parte, são esnobados pela imprensa tradicional.

Ou seja, é totalmente possível fazer algo para divertimento das pessoas, o que é de extrema importância, para a variação dos programas e conteúdos televisionados e mostrar informações, para que a essência do esporte seja mantida.

### **Infotainment e transformações na mídia esportiva**

A adequação do jornalismo esportivo com a consolidação do infotainment é defendida por alguns jornalistas e citado como necessário, pois para eles, é preciso transformar a informação em um objeto mais prazeroso para ser acessado e consumido pelos sujeitos em seus momentos de lazer, que é quando param seus compromissos para acessar os conteúdos informativos. Mas claro, essa mudança que é muito presente na mídia esportiva, é somente no formato, na estrutura narrativa e não no conteúdo, o qual se deve manter predominantemente informativo.

Dejavite afirma que o termo infotimento ganhou notoriedade na década de 1990, sendo usado por profissionais e por acadêmicos da área de comunicação como sinônimo daquele jornalismo que traz a informação com divertimento. A associação do jornalismo à crescente indústria do entretenimento gerou categorias novas de informação socializada, entre elas o infotimento, do qual o esporte é um dos componentes. O infotimento é classificado como, especificidade do jornalismo de conteúdo de acordo com Dejavite;

Especificidade do jornalismo de conteúdo estritamente editorial voltado à informação e ao entretenimento (matérias jornalísticas), tais como: comportamento, hobbies, esporte, moda, celebridades..." (DEJAVITE, 2003, p.173).

Em torno dos estudos e leituras dos tópicos anteriores, pode-se perceber que as estratégias jornalísticas que estão bem presentes na mídia esportiva são a de entrelaçar a informação com o entretenimento e dividir essa narrativa entre informações de interesse público e o interesse do público, acionando o campo do infotimento, sendo determinante para os modos como os produtos esportivos chegam até a audiência, e assim, virando plano cultural do brasileiro.

Para Dejavite (2003), a consolidação do infotimento na produção jornalística é necessária, pois é preciso tornar a informação um objeto mais prazeroso para ser acessado e consumido pelos sujeitos em seus momentos de lazer, que é quando param o tempo de trabalho para acessar conteúdo informativo. Além disso, a autora defende que a mudança do paradigma é somente no formato, na estrutura da narrativa jornalística e não no conteúdo, o qual deve se manter predominantemente informativo. Entretanto, em contraponto, Padeiro (2015), afirma que há um predomínio do entretenimento no conteúdo jornalístico relacionado ao esporte, principalmente quando se trata da promoção de grandes eventos esportivos.

Porém, o que se apresenta no jornalismo esportivo nos dias atuais, é a forte tendência de uma transformação em meio de promover o entretenimento, mas ainda assim, preservando o meio informativo, tanto em relação ao formato como em relação aos seus conteúdos, como já dito anteriormente. A superexposição da mídia compões a espetacularização do esporte para transformar um evento esportivo em mercadoria, e esse conteúdo que é produzido tem o nome de *infotimento* (informação mais entretenimento),

podemos citar a rede globo, e principalmente o Globo Esporte, como um forte movimento de mudança nas telas da televisão com essa transformação do jornalismo esportivo.

Dessas transmissões, podemos citar a Copa do Mundo, um megaevento esportivo que não só é transformado pela mídia em produto de mercadoria, mas sim como um todo, desde sua exibição até o país em que está sendo sediado o evento. Gurgel cita um dado como argumento de que o megaevento esportivo se tornou algo abstrato, "irreal". A audiência televisiva acumulada na Copa do Mundo de 2010 chegou perto de 30 bilhões de telespectadores, segundo a revista Meio&Mensagem (edição de junho de 2010). Como isso é possível, sendo que naquela época a população mundial estava na casa dos 6 bilhões de habitantes?

Somente pela abstração dos corpos e dos objetos é possível conceber um total "irreal" de pessoas assistindo a um evento. Ou seja, na sua constituição, os megaeventos negam a essência do esporte ao trocar o esporte (corpo) em movimento por imagens (ausência de corpo) em movimento. (...) Uma Copa do Mundo, para ilustrar, é um espaço das imagens dos personagens do mundo do futebol em franca expansão versus a escassez crescente de bens materiais e pessoas reais em ação no universo do esporte (GURGEL apud ROCCO JR., 2014, p.314).

Ou seja, a exposição e espetacularização do megaevento está nas mãos de uma produção da mídia, sem a mídia, existe o esporte, mas não o megaevento. A imprensa transforma o acontecimento esportivo em um espetáculo. O uso da Copa do mundo para mostrar como o infotainment está muito presente no esportivo é destaque da reportagem, do jornalista, Roberto de Oliveira no jornal Folha de S. Paulo, onde relata que torcedores que frequentaram a Copa do Mundo de 2014, aqui no Brasil, esbanjam entusiasmo com o evento e o que é transmitido no ambiente da copa, porém o futebol acaba se tornando o que menos importa, alguns dos entrevistados por ele citam na matéria, "Achei estranho não ter narração. Olhava mais para o telão do que para o campo", declarou ao jornal a empresária Tatiana Laila Ventura. "Vamos combinar, jogo é chato. Presto mais atenção à maquiagem, à elegância, às roupas e, é claro, a quem aparece nos telões do que àquilo que rola no gramado", comentou Cristiane Americhi, também empresária.

Esses destaques, são reflexos do jornalismo esportivo atuando no campo da informação e entretenimento, tirando pessoas que possivelmente não se importam com o esporte, ver e pensar que aquilo pode ser vantajoso de qualquer forma, visto pela televisão, celular, ouvido pelo rádio ou em qualquer lugar que envolve o evento transmitido. O futebol é “produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas ou burgueses”, pontua Damatta (1994, p.17).

De acordo com Dejavite (2007), infotenimento é uma prestação de serviços que informa e entretém o seu consumidor final. Os programas de esportes se apoderaram desse formato tornando seus conteúdos mais leves, com uma linguagem mais próxima do seu público. Apesar de ter surgido na década de 80, o termo ainda é novo no jornalismo, principalmente na TV, mas o público consome o infotenimento sem mesmo saber que o conteúdo informativo com uma pitada de humor, tem um nome. Jornalismo de infotenimento, segundo Dejavite (2007), atrai seu público por abordar temas que se aproximam do estilo de vida das pessoas, com notícias de interesse humano, que sempre serão transmitidos ao seu público equilibrando, ou pelo menos tentando equilibrar, a informação de qualidade com uma dose de humor.

Com base nos especialistas, a conclusão é, que para se ter informação e ao mesmo tempo bom-humor no jornalismo esportivo, deve se ter um equilíbrio entre informação e entretenimento, e que de preferência, a informação se sobreponha esse humor. É de extrema importância que o infotenimento jamais priorize somente o lado engraçado e divertido, pois quando isso acontece, acaba não sendo mais considerado como jornalismo, mas somente puro entretenimento, como em qualquer programa de auditório.

### **Considerações finais**

Já como revisado no tópico, *infotenimento e transformações das mídias sociais*, o jornalismo traça suas estratégias para enquadrar uma informação, enquanto a entrelaça com o entretenimento, no propósito de destacar a narrativa que mais interessa ao público em questão. Portanto, a partir do que foi produzido

e pesquisado, neste texto, conclui-se que o interesse do público é determinante para que o produto vire cultura.

Nesta pesquisa, buscou-se, apresentar e explicar as estratégias da construção das notícias esportivas. Passando por três tópicos de ordem cronológica. O primeiro tópico explicando as passagens e profissionalismo sobre o jornalismo esportivo, mostrando o crescimento das revistas esportivas, jornais impressos e o rádio para o segmento até o profissionalismo e diante de seu crescimento midiático nunca extinto até nos dias atuais com a facilidade da televisão, celular e mídias sociais. A revisão bibliográfica mostrou as mudanças de época que a mídia esportiva teve que se adaptar até chegar atualmente, nunca deixando de lado cada passo que a trouxe até aqui.

Já no segundo tópico, um gancho específico com a finalização do primeiro tópico, com as gigantes evoluções nas redes de comunicações nos anos 90, um grande fenômeno que só cresce hoje, as mídias sociais. Sendo assim a pesquisa propiciou o entendimento sobre seus impactos e a facilidade com que é possível executar qualquer ferramenta em suas plataformas, e principalmente, na maneira de atuar no jornalismo. Mudanças drásticas vieram com a evolução dessas mídias, possibilitando mesclar a maneira da mídia esportiva na execução da notícia. Equilibrar informações e uma dose de humor se tornou mais fácil com essas evoluções e mais atrativo para o público que estava ali, em qualquer tela, da televisão, celular ou até mesmo seu novo tablet, assistindo e lendo suas notícias esportivas.

Para finalizar, o principal entendimento resultante desta breve pesquisa bibliográfica é a relevância relacionada a transformação do infotenimento nas mídias esportivas. Aos novos públicos, parece que essa maneira de fazer o jornalismo esportivo, foi sempre assim, mas no passado recente não se imaginava que as transformações fossem atingir tamanha magnitude. Com a grande repercussão do Globo Esporte e uma “Tiago Leifertização” no esporte, várias emissoras e canais aderiram ao infortenimento e mesclaram a notícia com o entretenimento. E essa transformação se deu para atrair mais o público e os colocar mais perto dos seus interesses humanos, lado a lado a informação e uma significativa dose de humor.

Ao nosso ver, o jornalismo pode continuar com o processo do infotimento, misturando notícias de alta qualidade com um pouco de humor, isso serve para o público e fica uma maneira descontraída de acessar a todos que estão vendo aquele conteúdo.

Porém, vale ressaltar que é necessário ampliar o repertório das pautas e atingir outros formatos no esportivo. É possível noticiar o esporte além do humor e da descontração, como já foi mostrado em outros momentos e claramente se teve uma evolução. Pode ir além do conteúdo que o cerca, apontando novas perspectivas e sem se restringir na vitória ou derrota de tal time ou esportista.

### **Referências bibliográficas:**

ALCOBA LÓPEZ, Antonio. **El Periodismo deportivo em la sociedad moderna**. Madrid, El autor, 1980.

ALELUIA, Hideberto. **"O Futuro da Internet – O mundo da dúvida"**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2014.

CALDAS, W. **O futebol no país do futebol**. Lua Nova vol.3 no.2 São Paulo Dec. 1986.

CAMARGO, Vera Regina. **Comunicação esportiva: fluxos convergentes entre as Ciências da Comunicação e o Esporte**. Motrivivência, Florianópolis, n. 17, 2001

CAMARGO, Vera Regina. **O pensamento de Antonio Alcoba e sua importância na trajetória dos estudos e pesquisas sobre o Jornalismo Esportivo no Brasil**. Comunicação e Esporte no V Encontro de Núcleos e Pesquisa da Intercom, 2005.

Damatta, Roberto. **"Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro."** São Paulo, *Revista Usp* 22 (1994): 10-17.

de Souza Padeiro, Carlos Henrique. **"A espetacularização do esporte e o infotimento no jornalismo esportivo: o Globo Esporte (TV) e o UOL Esporte durante a Copa do Mundo de 2014."** *Revista Alterjor* 10.2 (2014): 143-158.

Del Bianco, Nélia. **"A Internet como fator de mudança no jornalismo."** *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo. 2004.

dos SANTOS, et al, **"Jornalismo esportivo e infotimento: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte."** In *Revista Corpoconsciência*, da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, (2017): 93-106.

dos Santos, Silvan Menezes, Cristiano Mezzaroba, Doralice Lange de Souza. "**Jornalismo esportivo e Infotemenimento: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte.**" *Corpoconsciência* (2017): 93-106.

FALCÃO, Carlysângela. "**O infotemenimento e as novas competências cognitivas: a adequação do jornalismo às habilidades dos usuários do ciberespaço.**" *SBPJor*, Rio de Janeiro, 2011.

Froz, Rondeny Campos, Renata Oliveira Maciel, Rodolfo Silva Marques. "**As mudanças no jornalismo esportivo televisivo no Brasil: O infotemenimento e os Cavalinhos do Fantástico.**" *Iniciacom* 11.1 (2022).

JESUS, Gabriela Oliveira de et al. **Internet e redes sociais: Jornalismo no meio digital.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. 2018.

LIMONDRE, Letícia et al. **Infotemenimento (informação e entretenimento) no jornalismo.** Univap, 2011.

LOVISOLO, Hugo. **Jornalismo e esporte: linguagem e emoções.** *Corpus et Scientia*, Rio de Janeiro, ano 7, vol. 7, n. 2, p. 91-99, nov. 2011.

NETO, José Moraes dos Santos. **Visão do Jogo – Primórdios do futebol no Brasil.** São Paulo: COSAC NAIFY, 2002.

Neves, Thalita. "**Noticiabilidade, Valor-notícia e Seleção Noticiosa no Jornalismo Esportivo.**" Intercom, Rio de Janeiro, RJ, 2020

Rocco Junior, Ary José, Wagner Barge Belmonte. "**Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da revista Placar.**" *Anais do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.* 2014.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas.** Trabalho de Conclusão de Curso. 92p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2009.

SOUZA, João Victor Moretti de. **Entretenimento versus informação a disputa por espaço no jornalismo esportivo brasileiro.** UniCEUB, Brasília, 2014.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** (p. 51-61) 2 ed. São Paulo: Atlas, 2010.